Mentores Espirituais Resgatando Vidas

Luiz de Castro



Luiz de Castro

Mentores Espirituais Resgatando Vidas

"Quando você não souber para onde ir, siga na direção da bondade. Ela nunca o levará para um lugar do qual você se arrependerá." — Caster Ortsac

Segue sem olhar para trás

Castro, Luiz de.

Mentores espirituais. / Luiz de Castro. – São Luís, MA – 1ª ed. Ed. do Autor, 2025. Bibliografia.

- 1. Cura interior 2. Mentoria espiritual 3. Dependência química
- 4. Transformação de vida I. Título

CDU - 2-582.3:159.964.2:613.83 CDD - 261.8 / 248.4 / 362.29

Sumário

| Introdução | 6 |
|---|-----|
| A Jornada Terrena de Caster Ortsac | 9 |
| Episódio 1: Corações em Cura | 13 |
| Episódio 2: Luzes na Escuridão - A Redenção de Rodrigo | 22 |
| Episódio 3: A Redenção de um Coração Atormentado | 27 |
| Episódio 4: Sementes no Solo Árido – A Transformação Helena | 40 |
| Episódio 5: O Silêncio Quebrado - A Cura de Antônio | 48 |
| Episódio 6: O Chamado da Madrugada | 57 |
| Episódio 7: Duas Luzes, Um Propósito | 62 |
| Episódio 8: Laços de Família | 69 |
| Episódio 9: As Correntes do Passado | 79 |
| Episódio 10: Além das Aparências | 90 |
| Conselhos dos Mentores | 107 |
| Para quem perdeu um ente querido | 116 |
| Para Quem Tem Mágoas de Alguém | 126 |
| Palavras de uma Mãe | 127 |
| Considerações Finais | 129 |

Introdução

O que permanece de nós quando partimos deste plano terreno? Que legado deixamos além das memórias e dos afetos que cultivamos? É possível que nossa jornada de aprendizado e serviço continue além dos limites da existência física? Estas são algumas das perguntas que inspiraram a criação desta obra.

Mentores Espirituais não pretende ser apenas uma coletânea de histórias ficcionais sobre intervenções do plano espiritual no mundo material. É, antes de tudo, um convite à reflexão sobre as possibilidades infinitas da alma e sua capacidade de evolução contínua, mesmo após a transição que chamamos de morte.

Nestas páginas, conheceremos a história extraordinária do Senhor Caster Ortsac, um homem cuja vida terrena foi marcada por superações, aprendizados e dedicação incondicional ao próximo. Nascido em condições humildes, Caster construiu seu caminho com esforço e estudo, tornando-se eventualmente professor, médico e conferencista respeitado em sua comunidade. Mas sua verdadeira riqueza nunca esteve em posses materiais ou títulos acadêmicos — residia em seu coração compassivo e em sua capacidade de ver, além das aparências, o potencial divino em cada ser humano.

Ao lado de sua dedicada esposa, Célis Ortsac, Caster formou uma parceria exemplar de amor e serviço. Juntos, criaram seus filhos, Sofy e Sostenys, com os mesmos valores de respeito, generosidade e fé que norteavam suas vidas. Mesmo dispondo de recursos limitados, o casal nunca hesitou em estender a mão aos necessitados, oferecendo não apenas auxílio material, mas também — e principalmente — orientação espiritual e apoio emocional.

A transição de Caster para o plano espiritual não representou o fim de sua missão de auxílio ao próximo. Pelo contrário, libertado das limitações da matéria, ele encontrou novas e ampliadas possibilidades de serviço. Como espírito de luz, orientado pelos ensinamentos cristãos e movido pelo amor incondicional, Caster — agora frequentemente acompanhado por Célis, que também completou sua jornada terrena — dedica-se a auxiliar aqueles que enfrentam desafios aparentemente insuperáveis.

Neste livro, acompanharemos alguns episódios dessa jornada de mentoria espiritual. Veremos como Caster e Célis intervêm em situações de extrema dificuldade, trazendo luz onde havia trevas, esperança onde reinava o desespero, e amor onde o ódio havia criado raízes profundas. Em cada intervenção, percebemos a aplicação prática dos ensinamentos de Jesus Cristo, não como dogmas distantes, mas como ferramentas vivas de transformação pessoal e coletiva.

As histórias aqui narradas, embora apresentadas em formato ficcional, refletem verdades espirituais atemporais: que nenhum ser está irremediavelmente perdido; que sempre existe a possibilidade de recomeço; que o amor é a força mais poderosa do universo; e que somos todos, em essência, centelhas divinas temporariamente esquecidas de nossa origem celestial.

Ao longo destas páginas, seremos lembrados de que a espiritualidade não é algo abstrato ou desconectado da realidade concreta. Ela se manifesta nas escolhas cotidianas, nos pequenos gestos de bondade, na superação dos próprios limites e na capacidade de enxergar, mesmo nas situações mais desafiadoras, oportunidades de crescimento e evolução.

Convido você, leitor, a embarcar nesta jornada com o coração aberto e a mente receptiva. Que as intervenções amorosas de Caster e Célis possam inspirar-nos a reconhecer nossa própria capacidade de ser luz na vida daqueles que cruzam nosso caminho. Afinal, de certa forma, todos somos mentores e aprendizes na grande escola da vida, com o potencial de influenciar positivamente a jornada uns dos outros.

Que este livro possa ser não apenas uma leitura agradável, mas uma semente de transformação em sua própria vida. Porque, como ensinou o próprio Jesus: "Vocês são a luz do mundo" (Mateus 5:14). E essa luz, quando compartilhada generosamente, tem o poder de dissipar as mais densas trevas.

Boa leitura, e que as bênçãos divinas iluminem seu caminho!

A Jornada Terrena de Caster Ortsac

Nas pequenas ruelas de uma cidade do interior, entre casas simples e uma praça central onde as pessoas se reuniam ao entardecer, viveu um homem cujo nome seria lembrado por gerações. Caster Ortsac nasceu em uma família extremamente humilde, filho de um sapateiro e uma lavadeira que mal conseguiam colocar comida na mesa. Desde criança, Caster demonstrava uma curiosidade insaciável pelo conhecimento e uma sensibilidade única para perceber as necessidades alheias.

Sua infância foi marcada por privações materiais, mas abundante em valores. Enquanto seus amigos brincavam, o jovem Caster frequentemente podia ser encontrado na pequena biblioteca municipal, devorando livros à luz de velas emprestadas. Dormia poucas horas por noite, acordava antes do nascer do sol para ajudar o pai na oficina de sapatos e, após o trabalho árduo, caminhava quilômetros até a escola noturna.

Foi durante a adolescência que Caster descobriu sua vocação para ensinar. Começou orientando crianças mais novas nas lições básicas, em troca de algumas moedas que ajudavam no sustento da família. Sua dedicação chamou a atenção de um professor aposentado que, reconhecendo o potencial do rapaz, ofereceu-se para orientá-lo em estudos mais avançados.

Aos vinte e cinco anos, após anos de sacrifício e persistência, Caster formou-se professor. Sua primeira sala de aula foi improvisada sob a sombra de uma velha mangueira, onde ensinava gratuitamente crianças de famílias que não podiam pagar pela educação. Nos anos seguintes, movido por um desejo profundo de aliviar o sofrimento humano, dedicou-se também ao estudo da medicina, formando-se após dez anos de estudo noturno.

Foi nesse período que conheceu Célis, uma enfermeira de coração generoso que compartilhava seus ideais de serviço ao próximo. O casamento foi simples, celebrado na pequena capela da cidade, com a presença de inúmeras pessoas que Caster havia ajudado ao longo dos anos. Juntos, tiveram dois filhos: Sofy, uma menina de olhos sonhadores como o pai, e Sostenys, um garoto introspectivo e observador como a mãe.

A família Ortsac nunca conheceu a abundância material. Viviam em uma casa modesta nos arredores da cidade, com móveis simples e um pequeno jardim cultivado por Célis. O que não lhes faltava, porém, era o amor que transbordava em cada gesto e a sabedoria que Caster compartilhava com todos que cruzavam seu caminho.

Como médico, Caster atendia em comunidades onde outros profissionais se recusavam a ir. Carregava sua maleta desgastada por vielas lamacentas em dias de chuva, percorria longas distâncias a pé para chegar a vilarejos isolados, e muitas vezes aceitava como pagamento apenas o sorriso agradecido de um paciente recuperado ou produtos da terra que as famílias ofereciam.

Como professor, transformava qualquer espaço em sala de aula – a sombra de uma árvore, o pátio de uma igreja, a varanda de sua própria casa. Seus ensinamentos transcendiam o conteúdo dos livros; falava sobre ética, compaixão e a importância de uma vida orientada pelo amor ao próximo.

Mas foi como conselheiro e orador que Caster ganhou notoriedade além das fronteiras de sua região. Suas palestras atraíam pessoas de diversos lugares, sedentas por palavras que trouxessem conforto e direção. Caster tinha o dom de simplificar conceitos complexos com analogias do cotidiano, tornando a

sabedoria acessível a todos, independentemente de seu nível de instrução.

"A vida", dizia ele em suas palestras, "é como um rio que serpenteia entre montanhas e vales. Haverá momentos de calmaria, onde as águas fluem suavemente, e momentos de corredeiras, onde seremos testados em nossa força e determinação. O importante não é evitar as corredeiras, mas aprender a navegar através delas."

Suas palavras eram sempre impregnadas de esperança e, embora nunca impusesse suas crenças religiosas, seus valores eram profundamente enraizados nos ensinamentos de Jesus, a quem considerava o maior mestre da humanidade. As parábolas bíblicas eram frequentemente utilizadas em seus discursos, não como dogmas, mas como ferramentas para compreensão da natureza humana e dos desafios da existência.

Mesmo com as dificuldades financeiras que sempre o acompanharam, Caster nunca hesitou em compartilhar o pouco que tinha. Muitas vezes, Célis o encontrava voltando para casa sem o casaco em pleno inverno, tendo-o doado a alguém que sofria com o frio nas ruas. A mesa dos Ortsac sempre tinha um lugar extra para visitantes inesperados ou pessoas necessitadas, mesmo que isso significasse porções menores para a família.

Quando perguntado sobre sua generosidade apesar das próprias limitações, Caster respondia com um sorriso sereno: "O que guardamos para nós, perdemos; o que compartilhamos, multiplicamos. Esta é a matemática divina que poucos compreendem."

Aos setenta e dois anos, após uma vida dedicada ao serviço, Caster adoeceu. Sua partida foi tranquila, em casa, cercado pelo amor de sua família e pela gratidão de uma comunidade inteira. Nos seus últimos momentos, sussurrou para Célis e os filhos: "Não chorem por mim. Minha jornada terrena termina, mas meu trabalho continua além do véu que separa os mundos. Enquanto houver almas precisando de luz, lá estarei."

E assim, Caster Ortsac deixou o plano físico, mas seu espírito iluminado permaneceu vigilante, agora com uma compreensão ainda mais ampla da existência e uma capacidade renovada de auxiliar aqueles que sofrem. Como mentor espiritual, continuaria sua missão de guiar, consolar e iluminar caminhos, transcendendo as barreiras do tempo e do espaço.

Episódio 1: Corações em Cura

Três meses se passaram desde que o espírito de Caster Ortsaz começou a manifestar sua presença no Centro Comunitário Vale das Sombras. O que antes era um lugar de refúgio precário para almas feridas havia se transformado em um verdadeiro santuário de esperança. A notícia sobre as reuniões e os "milagres de transformação" que ali ocorriam espalhou-se rapidamente pela cidade.

Maria Lúcia observava, maravilhada, o salão que agora mal comportava todos os presentes. Algo havia mudado profundamente no ambiente. As paredes desgastadas continuavam as mesmas, as cadeiras ainda eram velhas e desconfortáveis, mas havia uma energia diferente no ar – uma atmosfera de acolhimento que fazia cada pessoa se sentir em casa, independentemente de sua história.

"*Tudo isso é obra sua, não é?*" sussurrou Maria Lúcia para o vazio, sabendo que Caster a ouviria. Uma brisa suave acariciou seu rosto como resposta, e ela sorriu.

Naquela noite de quinta-feira, entre os rostos já familiares, destacava-se uma figura nova: um jovem médico de aparência exausta, que se apresentou como Dr. André Menezes. Relutante a princípio, ele finalmente compartilhou o que o trazia ali.

"Estou prestes a desistir da medicina," confessou ele, com a voz embargada. "Trabalho no pronto-socorro municipal há cinco anos, e cada dia parece pior que o anterior. Perdemos três pacientes esta semana por falta de recursos... crianças, uma delas. Fazemos o impossível com o mínimo e ainda somos culpados quando algo dá errado." Ele passou as mãos pelos cabelos prematuramente grisalhos. "Um paciente me ameaçou ontem. A família de outro abriu processo por negligência. Como posso continuar assim?"

Enquanto o jovem médico falava, o ambiente na sala mudou sutilmente. Uma luminosidade tênue, imperceptível para a maioria, envolveu Maria Lúcia. Quando ela falou, sua voz tinha aquela qualidade distinta que os frequentadores já reconheciam como o sinal da presença de Caster.

"Dr. André," começou ela com uma voz preenchida de compaixão, "sua profissão é uma das mais nobres manifestações do amor ao próximo. O próprio Jesus foi chamado de médico, não apenas das almas, mas dos corpos sofredores. Ele curou leprosos quando todos os evitavam, devolveu a visão aos cegos, e restaurou a dignidade dos esquecidos pela sociedade."

As mãos de Maria Lúcia – ou seriam as de Caster? – gesticulavam com uma graça que não lhe era característica.

"Em Mateus 9:12, Jesus diz: 'Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes.' O senhor foi chamado para essa missão sagrada porque tem dentro de si a capacidade de ver além da doença, enxergando o ser humano por trás do paciente."

André ergueu o olhar, surpreso com a resposta que parecia tocar exatamente o cerne de sua angústia.

"As dificuldades que enfrenta são reais e dolorosas. O sistema é falho, os recursos escassos, as expectativas irreais. Mas lembre-se de Gálatas 6:9: 'E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos.' Cada vida

que o senhor toca, cada dor que alivia, cada família que conforta é uma semente de luz plantada neste mundo."

Maria Lúcia aproximou-se do médico e, em um gesto inusitado, tomou suas mãos entre as suas. André sentiu um calor reconfortante se espalhando por seus braços, alcançando seu peito exausto.

"O senhor não está sozinho nessa batalha. Há forças invisíveis trabalhando ao seu lado em cada plantão, inspirando suas decisões, fortalecendo seu espírito. Como médico em vida, eu conheci bem essas mesmas frustrações."

Esta revelação fez André arregalar os olhos. Maria Lúcia nunca havia sido médica – todos ali sabiam disso.

"Procure ver cada paciente como um irmão ou irmã em jornada. Quando a exaustão ameaçar vencê-lo, lembre-se de Isaías 40:29-31: 'Ele dá força ao cansado e aumenta o vigor do fraco. Até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no Senhor renovarão as suas forças. Voarão alto como águias; correrão e não ficarão exaustos, andarão e não se cansarão."

Lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto do médico enquanto a voz continuava:

"Continue, Dr. André. A medicina que pratica com amor transcende as limitações materiais. E quando sentir que não pode mais, venha até aqui. Este lugar agora é seu também."

Entre os presentes naquela noite estava também Débora, uma professora de escola pública que havia comparecido a algumas

reuniões anteriores. Sempre quieta, ela finalmente criou coragem para compartilhar sua história.

"Ensino há vinte e dois anos em uma escola na periferia," começou ela, com voz trêmula. "Amo meus alunos, mas estou perdendo a batalha para o tráfico e para a violência. Na semana passada, meu aluno mais brilhante, Miguel, de apenas 15 anos, foi recrutado por traficantes. Ontem soube que ele está vendendo drogas na porta da escola." Ela enxugou uma lágrima. "Tantos talentos desperdiçados, tantos sonhos mortos antes de nascerem. Como posso fazer diferença quando tudo ao redor deles os puxa para baixo?"

Maria Lúcia, ainda envolta naquela aura sutil, sorriu com ternura antes de responder:

"Débora, minha querida, seu trabalho é como o do semeador da parábola de Jesus. Em Mateus 13, vemos que algumas sementes caem à beira do caminho, outras em terreno pedregoso, outras entre espinhos... mas algumas encontram terra boa e produzem frutos, trinta, sessenta e até cem por um."

A voz estava carregada de uma sabedoria que transcendia a experiência de Maria Lúcia.

"Em minha vida terrena, também fui professor. Vi alunos se perderem e chorei por eles, assim como você chora por Miguel. Mas aprendi que jamais devemos subestimar o poder de uma palavra de esperança plantada no coração de um jovem. Aquela semente pode permanecer adormecida por anos, mas um dia, nas circunstâncias certas, ela brotará."

Os outros participantes da reunião ouviam em respeitoso silêncio

"Miguel precisa saber que há alguém que acredita nele, que enxerga além do que ele se tornou para sobreviver. Em Provérbios 22:6 está escrito: 'Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.' Não desista dele, Débora. Procure-o. Fale com ele fora do ambiente escolar. Mostre que seu valor como ser humano vai muito além do que o mundo diz que ele vale."

A professora ouvia com atenção, como se absorvesse cada palavra.

"E quanto aos outros alunos, lembre-se das palavras de Paulo em 1 Coríntios 3:6-7: 'Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer; de modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.' Nossa parte é plantar e regar com amor, persistência e fé. O crescimento virá no tempo certo."

Maria Lúcia – ou seria Caster através dela? – tocou o ombro de Débora com gentileza.

"Você está moldando o futuro, querida professora. Cada vida que você toca é um universo inteiro. Não é um trabalho; é uma missão sagrada. E você não está sozinha nela."

Enquanto a noite avançava, mais histórias eram compartilhadas. Um homem idoso falou sobre a perda recente de sua esposa após 52 anos de casamento e como a solidão o consumia. Uma mãe solteira compartilhou seu desespero ao descobrir que seu

filho de 12 anos estava sofrendo 'bullying' na escola e começava a mostrar sinais de depressão.

Para cada um, através de Maria Lúcia, o espírito de Caster tinha palavras de sabedoria, conforto e orientação prática, sempre fundamentadas nos ensinamentos cristãos, mas apresentadas com uma profundidade e autenticidade que tocava mesmo aqueles que não se consideravam religiosos.

Ao final da reunião, quando quase todos já haviam partido, um homem permaneceu sentado em um canto. Maria Lúcia o observou — cabelos desgrenhados, roupas surradas, olhos fundos que denotavam noites sem dormir. Ele não havia dito uma palavra durante todo o encontro.

"Posso ajudá-lo?" perguntou ela gentilmente, aproximando-se.

O homem hesitou antes de finalmente falar: "Meu nome é Roberto. Eu... estive preso por doze anos. Saí há três semanas e não sei como viver neste mundo. Ninguém quer empregar um exdetento. Minha família me deserdou. Estou dormindo debaixo de viadutos."

Maria Lúcia sentiu novamente aquela presença familiar a envolvendo.

"Roberto," começou ela, com a voz tranquila que não era totalmente sua, "seu passado não é seu destino. Está escrito em 2 Coríntios 5:17: 'Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!""

O homem levantou o olhar, surpreso com a resposta.

"Em minha vida terrena, trabalhei com muitos que, como você, buscavam recomeçar após erros graves. A sociedade pode ser implacável em seus julgamentos, mas lembre-se de que Jesus nunca rejeitou os arrependidos. Ao contrário, ele comeu com pecadores, defendeu os marginalizados e ofereceu segunda chance aos que todos haviam condenado."

Roberto ouvia com atenção, algo dentro dele se acalmando pela primeira vez em muito tempo.

"Amanhã cedo, venha me encontrar aqui. Conheço um amigo que tem uma pequena marcenaria e está precisando de ajuda. Não será muito, mas é um começo honesto. E quanto à sua família, dê-lhes tempo. As feridas profundas não cicatrizam da noite para o dia."

Maria Lúcia – guiada por Caster – colocou a mão no ombro de Roberto.

"Lembre-se das palavras do Salmo 40:2-3: 'Ele me tirou de um poço de destruição, de um atoleiro de lama; pôs os meus pés sobre uma rocha e firmou-me num local seguro. Pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus.' Seu poço de destruição pode ter durado doze anos, Roberto, mas sua redenção durará o resto da sua vida."

Pela primeira vez em muito tempo, Roberto sorriu. Era um sorriso hesitante, frágil como o primeiro raio de sol após uma longa tempestade, mas era real.

Quando finalmente ficou sozinha no centro comunitário, Maria Lúcia sentou-se, exausta mas plena de uma satisfação que não conseguia explicar. "Caster," chamou ela suavemente, "como consegue saber exatamente o que cada um precisa ouvir?"

Uma brisa leve agitou as cortinas, e ela sentiu, mais que viu, a silhueta familiar tomar forma diante dela – não completamente materializada, mas como uma densidade diferente no ar.

"Não sou eu quem sabe, querida Maria," respondeu a voz gentil, agora diretamente em sua mente. "Quando deixamos nosso corpo físico, ganhamos uma percepção mais clara das necessidades espirituais de cada ser. Vejo as dores que eles mesmos não conseguem nomear, os anseios que não sabem expressar. E então, através de você, posso oferecer o bálsamo que o Grande Médico sempre ofereceu: amor, compreensão e esperança."

Maria Lúcia assentiu, compreendendo mais profundamente a benção que era servir como instrumento para esse trabalho.

"Célis manda lembranças," continuou Caster, mencionando sua esposa que ainda vivia. "Ela sente sua presença todas as noites, quando reza. E nossos filhos, Sofy e Sostenys, embora não compreendam completamente, sentem que algo mudou no plano espiritual."

Ele fez uma pausa antes de continuar:

"O trabalho apenas começou, Maria. Há tantos corações feridos precisando de cura. Você continuará comigo nesta jornada?"

Maria Lúcia sorriu, com lágrimas nos olhos.

"Até o fim dos meus dias," respondeu ela com convicção.

A presença de Caster foi se dissipando gradualmente, mas antes de desaparecer completamente, ela ouviu suas últimas palavras:

"Lembre-se sempre: não somos nós que fazemos o trabalho. Somos apenas instrumentos nas mãos do Divino Oleiro, que molda cada vaso quebrado e o transforma em obra de arte."

Quando Maria Lúcia trancou o centro comunitário naquela noite, sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. Através dela, o espírito de Caster Ortsaz continuaria seu trabalho de mentor espiritual, guiando almas perdidas de volta à luz, um coração de cada vez.

No horizonte, o nascer do sol anunciava não apenas um novo dia, mas uma nova era para o Centro Comunitário Vale das Sombras – um nome que, ironicamente, agora abrigava um dos lugares mais luminosos da cidade.

Episódio 2: Luzes na Escuridão - A Redenção de Rodrigo

A noite caía sobre a cidade grande. Luzes de neon piscavam em contraste com a escuridão dos becos onde figuras sombrias se movimentavam. Em um desses becos, recostado contra uma parede coberta de pichações, Rodrigo observava com olhos vidrados o movimento na rua principal. Aos 28 anos, seu corpo magro e debilitado mostrava os sinais de cinco anos de dependência química.

Rodrigo não havia nascido para aquela vida. Filho de uma família de classe média, tinha sido um estudante promissor, com sonhos de se tornar engenheiro. Tudo mudou quando, após perder o irmão em um acidente de carro pelo qual se culpava, buscou refúgio nas drogas para escapar da dor insuportável que o consumia.

Naquela noite específica, depois de usar sua última dose, Rodrigo experimentava uma sensação de vazio absoluto. O entorpecimento que antes trazia alívio temporário agora apenas intensificava sua consciência do abismo em que havia se transformado sua existência. Pensamentos sombrios inundavam sua mente enquanto contemplava o fim de tudo.

Foi quando um homem idoso se aproximou. Rodrigo não se alarmou – já estava acostumado a ver alucinações nos momentos de abstinência. Mas havia algo diferente nesta aparição. A figura, embora translúcida como névoa matinal, irradiava uma luz suave que não ofuscava os olhos. Seu rosto tinha rugas profundas esculpidas pelo tempo, mas seus olhos emanavam uma vitalidade extraordinária.

"Boa noite, Rodrigo," disse o homem com uma voz que parecia vir de muito longe e, ao mesmo tempo, ressoar dentro de seu próprio peito.

"Como... como sabe meu nome?" Rodrigo gaguejou, tentando focar os olhos na figura diante dele.

O idoso sorriu com gentileza. "Conheço não apenas seu nome, mas também sua história. Conheço a dor que carrega desde o acidente, a culpa que não o deixa dormir, e o vazio que tenta preencher com substâncias que apenas alargam esse abismo."

Rodrigo sentiu uma lágrima escorrer pelo rosto sujo. Há anos ninguém falava com ele como um ser humano digno de atenção, muito menos demonstrava compreender sua dor mais profunda.

"Permita-me apresentar-me," continuou o idoso, sentando-se ao lado de Rodrigo no chão frio. "Sou Caster, e estou aqui porque sua luz, embora quase extinta, ainda brilha o suficiente para chamar por ajuda."

"Luz? Que luz? Só vejo escuridão," respondeu Rodrigo com amargura.

"Ah, meu filho," Caster suspirou, e seu suspiro parecia conter toda a compaixão do universo. "A escuridão nunca é completa enquanto existe a possibilidade de acender uma vela. Lembra-se da parábola da ovelha perdida? Jesus falou sobre o pastor que deixa noventa e nove ovelhas em segurança para buscar uma única que se desviou. Você é essa ovelha, Rodrigo. E eu estou aqui para ajudá-lo a encontrar o caminho de volta."

Durante horas que pareceram minutos, Caster conversou com Rodrigo naquele beco. Não eram palavras de julgamento ou condenação, mas de compreensão profunda e amor incondicional. A cada palavra, Rodrigo sentia camadas de dor e ressentimento se dissolverem.

"A culpa que carrega pela morte de seu irmão é um fardo que não lhe pertence," explicou Caster com firmeza gentil. "O acidente foi exatamente isso — um acidente. Seu irmão não o culparia, e continuar se punindo não trará honra à memória dele."

"Mas se eu não tivesse insistido para ele dirigir naquela noite..." Rodrigo começou, revivendo pela milésima vez o cenário em sua mente.

"Nós não podemos mudar o passado, apenas aprender com ele," interrompeu Caster. "Pense na parábola do filho pródigo. Aquele jovem desperdiçou sua herança, viveu no pecado, chegou ao fundo do poço alimentando porcos. Mas quando decidiu voltar para casa, seu pai não o recebeu com acusações, e sim com braços abertos e coração jubiloso. Seu pai, sua mãe, seu irmão que agora vive em outro plano – todos esperam seu retorno com o mesmo amor."

À medida que a madrugada avançava, algo extraordinário acontecia no interior de Rodrigo. Uma semente de esperança, há muito adormecida, começava a germinar. Pela primeira vez em anos, ele conseguia vislumbrar um futuro além da próxima dose, além da neblina constante em que vivia.

"Eu... eu não sei por onde começar," confessou, enquanto os primeiros raios de sol iluminavam o horizonte.

Caster colocou sua mão sobre o ombro de Rodrigo – um toque que ele sentiu não como pressão física, mas como uma onda de energia revitalizante.

"Começar é sempre o passo mais difícil, mas nunca precisamos caminhar sozinhos. Amanhã, quando o sol estiver no mesmo ponto que está agora, vá até o Centro de Recuperação Nova Vida, na Rua das Acácias. Pergunte por Dona Marta. Ela está esperando por você, embora ainda não saiba disso."

"E se eu não conseguir? E se a vontade for mais forte que eu?" A voz de Rodrigo tremia.

"A fé é como um grão de mostarda," respondeu Caster. "Embora minúsculo, quando plantado no solo adequado, cresce e se torna uma árvore robusta. Sua força não vem de você mesmo, mas da conexão com algo maior. Estarei ao seu lado em cada passo, mesmo quando não puder me ver."

No dia seguinte, reunindo toda sua coragem e impulsionado por uma força que não compreendia totalmente, Rodrigo arrastou-se até o endereço indicado. Ao chegar ao Centro de Recuperação, uma senhora de cabelos grisalhos e sorriso acolhedor estava na porta, como se aguardasse sua chegada.

"Você deve ser Rodrigo," disse ela, estendendo a mão.
"Não me pergunte como sei... tive um sonho muito vívido esta noite.
Um senhor de olhos bondosos me disse que você viria e precisaria de ajuda."

Nos meses que se seguiram, a recuperação de Rodrigo não foi fácil. Houve dias de progresso e dias de retrocesso, momentos de clareza e momentos de desespero. Mas em cada etapa do

processo, nos instantes de maior fragilidade, ele sentia a presença reconfortante de Caster – às vezes em sonhos, às vezes como um sussurro interior, às vezes como uma luz suave que ninguém mais percebia.

Um ano depois, completamente recuperado e trabalhando como voluntário no mesmo centro que o acolheu, Rodrigo compartilhava sua história com outros dependentes. Ao final de seu depoimento, sempre acrescentava:

"Há momentos em que a escuridão parece impenetrável, e acreditamos estar completamente sozinhos. Mas nunca estamos. Existe uma luz que nunca se apaga, existem mãos invisíveis que nos sustentam, e existem mentores — alguns neste mundo, outros além dele — que nos guiam de volta para casa."

E em algum lugar entre os planos de existência, o espírito de Caster Ortsac sorria, sabendo que mais uma alma havia encontrado seu caminho de volta à luz.

Episódio 3: A Redenção de um Coração Atormentado

O Presídio Estadual de Segurança Máxima "Custódia Central" era conhecido por abrigar os criminosos mais perigosos da região. Entre corredores sombrios e celas abarrotadas, havia uma ala específica que os próprios guardas evitavam — a Ala F, onde ficavam os detentos considerados de alto risco, aqueles cujos crimes eram tão hediondos que até mesmo outros criminosos mantinham distância.

Na cela 27 dessa ala vivia Rodrigo Meireles, conhecido entre os detentos como "Sombra". Aos 32 anos, seu prontuário era extenso: homicídios, estupros, assaltos à mão armada e liderança de uma das facções mais violentas da região. Dentro do presídio, sua reputação era ainda mais aterrorizante. Três detentos haviam sido mortos por ele durante sua permanência no local, e muitos outros carregavam cicatrizes permanentes de seus ataques de fúria.

O que ninguém sabia é que Rodrigo não estava sozinho em sua cela. Para além dos olhos humanos, uma aglomeração de entidades sombrias o circundava constantemente, alimentando-se de seu ódio e amplificando seus instintos mais baixos. Eram espíritos que, em vida, também haviam trilhado caminhos de violência e, após a morte, permaneceram presos às suas obsessões terrenas, buscando veículos humanos através dos quais pudessem continuar expressando sua maldade.

No plano espiritual, Caster Ortsac observava aquela situação com profunda preocupação. Após suas primeiras intervenções bem-sucedidas, ele havia sido designado para casos progressivamente mais desafiadores. Quando recebeu a missão

relacionada a Rodrigo, compreendeu imediatamente que precisaria de ajuda.

"Célis, *minha querida*," chamou ele, procurando por sua esposa nos jardins celestiais onde costumava meditar.

Célis Ortsac, que em vida havia sido enfermeira e parceira de Caster em projetos sociais, agora o acompanhava também no plano espiritual. Sua especialidade era o cuidado com feridas emocionais profundas, especialmente traumas infantis que, não tratados, frequentemente evoluíam para comportamentos autodestrutivos na vida adulta.

"Sinto que precisamos unir nossas forças para esta missão," explicou Caster, mostrando a ela imagens da realidade de Rodrigo. "Há uma legião de espíritos obsessores ao redor dele, mas percebi que no fundo de sua alma ainda existe uma centelha de luz que pode ser resgatada."

Célis observou atentamente e assentiu:

"Vejo isso também. Há feridas antigas nesse espírito... traumas que precedem sua vida criminosa. Precisaremos de muita proteção divina para esta intervenção, Caster."

Ambos sabiam que, para enfrentar uma obsessão espiritual daquela magnitude, precisariam não apenas de suas próprias forças, mas de uma intervenção divina mais ampla. Recorreram à oração profunda, conectando-se com energias superiores e solicitando a assistência de outros espíritos de luz especializados em libertação espiritual.

Na manhã seguinte, a rotina do presídio foi alterada por uma novidade: o anúncio da chegada de um novo capelão para o programa de reabilitação espiritual. Padre Thomas, um senhor de 65 anos com longa experiência em presídios, havia solicitado permissão para incluir a Ala F em seu ministério — algo que seus antecessores haviam evitado.

"Tem certeza disso, Padre?" perguntou o diretor do presídio, visivelmente preocupado. "Aqueles homens são... diferentes. Especialmente o detento da cela 27."

"Justamente por isso, Diretor," respondeu o padre com um sorriso sereno. "São os mais doentes que mais precisam de médico, não os sãos. Como ensinou nosso Senhor Jesus."

O que o diretor não sabia é que Padre Thomas era particularmente sensível à realidade espiritual. Desde jovem, possuía o dom de perceber presenças além do plano físico. E, na noite anterior, havia recebido em sonho a visita de dois espíritos de luz que se identificaram como Caster e Célis, solicitando sua colaboração numa importante missão de resgate espiritual.

No primeiro dia em que Padre Thomas visitou a Ala F, foi recebido com zombarias, palavrões e até mesmo alguns objetos arremessados através das grades. Quando chegou à cela 27, sentiu imediatamente o peso da atmosfera espiritual daquele lugar. Rodrigo estava recostado em sua cama, com um olhar vazio e distante, mas ao perceber a presença do padre, seus olhos adquiriram um brilho agressivo.

"O que você quer aqui, velho?" rosnou, aproximando-se das grades com postura intimidadora. "Acha que pode me 'salvar'?"

completou, fazendo um gesto de aspas no ar e rindo sarcasticamente.

O padre manteve a calma e apenas respondeu:

"Não estou aqui para impor nada, Rodrigo. Apenas para oferecer companhia e, se quiser, conversar."

"Não preciso da sua companhia nem da sua piedade," retrucou o detento. "Vá embora daqui antes que eu decida que não gosto da sua cara."

Naquele momento, invisíveis para Rodrigo, mas perceptíveis para o padre através de uma leve perturbação no ar, as entidades sombrias ao redor do detento se agitaram, alimentando sua hostilidade. Thomas sentiu um arrepio percorrer sua espinha, mas manteve-se firme.

"Voltarei amanhã," disse simplesmente, deixando ao lado da grade um pequeno livro com salmos. "Caso queira ler algo."

Quando o padre se afastou, Rodrigo pegou o livro e imediatamente o arremessou contra a parede do outro lado da cela. As entidades ao seu redor pareceram satisfeitas com o gesto, mas uma delas notou algo perturbador: por um breve instante, antes de jogar o livro, os olhos de Rodrigo haviam demonstrado curiosidade — uma reação genuinamente humana que não vinha dele há muito tempo.

Durante a madrugada, enquanto o presídio estava mergulhado no silêncio perturbado apenas por roncos e ocasionais gritos de pesadelos, a cela 27 tornou-se palco de uma batalha invisível aos olhos humanos.

Caster e Célis, envolvidos por uma aura de luz protetora e acompanhados por outros espíritos auxiliares, aproximaram-se da cela onde Rodrigo dormia um sono agitado. As entidades obsessoras, percebendo a aproximação das presenças luminosas, assumiram posturas defensivas, algumas escondendo-se nas sombras da cela, outras posicionando-se agressivamente ao redor do detento adormecido.

"Em nome do amor de Cristo, pedimos passagem," declarou Caster com voz firme mas compassiva.

As entidades mais fracas recuaram instintivamente diante da vibração elevada daquelas palavras, mas a mais forte delas — um espírito de aspecto sombrio que parecia ser o líder — avançou desafiadoramente.

"Fez um pacto conosco há muitos anos. Sua alma é nossa recompensa pelos poderes que lhe concedemos!"

Célis deu um passo à frente, sua luz suave mas penetrante.

"Nenhuma alma pertence às trevas," respondeu ela serenamente. "Cada espírito é uma centelha divina, temporariamente esquecida de sua origem. E quanto a pactos..." ela fez uma pausa significativa, "...só têm poder enquanto a pessoa os alimenta com sua própria vontade."

Enquanto esse diálogo acontecia no plano espiritual, Rodrigo agitava-se em seu sono, como se inconscientemente percebesse o conflito que se desenrolava ao seu redor. De repente, abriu os olhos, sentando-se bruscamente na cama, coberto de suor frio. Olhou em volta, confuso, sentindo uma estranha pressão no peito.

Foi nesse momento que Caster aproveitou a súbita abertura na consciência do detento. Concentrando-se profundamente, projetou na mente de Rodrigo a imagem de uma memória há muito enterrada: um menino de oito anos, cabelos escuros e olhos vivos, brincando inocentemente no quintal de uma casa humilde, enquanto sua mãe o observava com amor através da janela da cozinha.

Rodrigo ofegou, levando as mãos à cabeça. Aquela lembrança — de quando ainda era apenas "Rodrigo", antes de se tornar "Sombra" — causou uma fissura na couraça espiritual que as entidades haviam construído ao seu redor.

"*O que é isso?*" murmurou ele para o quarto vazio, sem saber que estava sendo ouvido.

Célis aproximou-se então, e com suavidade maternal, tocou metafisicamente o centro emocional de Rodrigo, enviando-lhe uma sensação de paz que ele não experimentava há décadas. Por um breve instante, o homem endurecido pelo crime sentiu o coração aquecer, e uma lágrima — a primeira em muitos anos — formouse no canto de seu olho.

As entidades obsessoras reagiram violentamente àquela demonstração de emoção genuína. A vibração de sentimentos positivos era como ácido para elas, enfraquecendo seu domínio. O líder delas avançou ameaçadoramente em direção a Caster, mas foi detido por uma barreira de luz que se formou ao redor dos mentores espirituais.

"Não lutem contra o inevitável," disse Caster com firmeza. "A redenção é um direito divino de cada ser. Vocês mesmos podem escolher um caminho diferente."

Algumas das entidades menos comprometidas com o mal hesitaram diante daquelas palavras, sentindo pela primeira vez em sua existência sombria o chamado para a evolução. Mas o líder e seus seguidores mais próximos intensificaram seus esforços para manter o controle sobre Rodrigo.

Caster e Célis compreenderam que não conseguiriam, naquela primeira intervenção, libertar completamente o detento daquela influência maligna. Seria um processo gradual. Mas haviam conseguido estabelecer um primeiro contato com a essência verdadeira daquele espírito, temporariamente perdido nas sombras de seus próprios erros e das influências negativas que o cercavam.

Antes de se retirarem, Caster aproximou-se do livro de salmos que jazia no chão da cela e, através de sua influência espiritual, fez com que ele deslizasse suavemente até próximo à cama de Rodrigo. Um trecho específico brilhou por um instante, invisível aos olhos físicos, mas marcado energeticamente para atrair a atenção do detento no dia seguinte: Ezequiel 36:26 - "Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne."

Na manhã seguinte, para surpresa dos outros detentos, Rodrigo não apareceu para o café da manhã com sua habitual postura intimidadora. Permaneceu em sua cela, sentado na beirada da cama, com o olhar fixo no livro que, inexplicavelmente, havia amanhecido ao lado de seu travesseiro. Algo o compelia a abri-lo. Quando finalmente o fez, seus olhos foram imediatamente atraídos para o trecho de Ezequiel, como se as palavras saltassem da página. Leu e releu aquelas linhas, sentindo uma estranha ressonância interior.

"Um *coração novo...*" murmurou para si mesmo, colocando instintivamente a mão sobre o próprio peito.

Quando Padre Thomas apareceu para sua segunda visita, encontrou um Rodrigo diferente. Não completamente transformado, certamente, mas algo havia mudado. Em vez de hostilidade aberta, havia uma curiosidade cautelosa em seus olhos.

"Voltou mesmo," constatou o detento, sem o tom agressivo do dia anterior.

"*Disse que voltaria*," respondeu o padre com simplicidade. "*E sempre cumpro minhas promessas*."

O que se seguiu foi uma conversa breve, mas significativa. Rodrigo fez algumas perguntas sobre o livro, especialmente sobre o trecho que tanto o havia impactado.

"É possível mesmo? Um coração novo?" perguntou, com um misto de ceticismo e esperança que surpreendeu a ele próprio.

"Não apenas possível, mas garantido para quem verdadeiramente o deseja," respondeu Thomas. "A transformação pode não ser instantânea, mas é certa quando há sincero arrependimento e desejo de mudança."

Enquanto conversavam, Caster e Célis permaneciam presentes no plano espiritual, fortalecendo a energia positiva

daquele encontro. As entidades obsessoras, embora ainda presentes, mantinham-se a uma distância respeitosa, enfraquecidas pela crescente luz que começava a se manifestar na aura de Rodrigo.

Nos dias que se seguiram, uma discreta mas constante batalha espiritual continuou ao redor de Rodrigo. A cada visita do padre, a cada momento de reflexão do detento, a cada palavra de esperança que encontrava no livro de salmos, as entidades perdiam um pouco mais de seu domínio sobre ele.

Caster e Célis trabalhavam incansavelmente, revezandose na proteção espiritual do detento durante sua jornada de transformação. Quando percebiam que as forças negativas ganhavam terreno, intensificavam sua presença, trazendo consigo reforços do plano espiritual superior. Em momentos críticos, quando Rodrigo sentia-se tentado a retornar aos velhos padrões, eles inspiravam nele memórias de sua infância inocente, lembranças de quem ele fora antes de enveredar pelo caminho do crime.

Três meses se passaram. A transformação de Rodrigo, inicialmente sutil, tornava-se cada dia mais evidente. Os outros detentos notaram a mudança: ele já não exercia seu poder através da intimidação e violência. Os guardas observaram, surpresos, que o homem antes conhecido por sua impulsividade agora passava horas lendo na biblioteca do presídio.

Numa noite particularmente significativa, quando completava cem dias desde o início de sua transformação, Rodrigo teve um sonho vívido. Viu-se numa espécie de jardim luminoso, onde um casal de idade avançada o recebia com sorrisos acolhedores.

"Quem são vocês?" perguntou ele no sonho, sentindo uma inexplicável familiaridade.

"Amigos," respondeu o homem, que não era outro senão Caster. "Estamos aqui para mostrar algo importante."

No sonho, Caster e Célis conduziram Rodrigo através de uma série de cenas de sua própria vida: momentos de sua infância difícil, as primeiras escolhas equivocadas na adolescência, os traumas que o endureceram, e finalmente, o momento exato em que, numa encruzilhada de desespero, permitira a entrada das influências espirituais negativas em sua vida.

"Foi quando prometi que faria qualquer coisa para ter poder e nunca mais ser humilhado," murmurou Rodrigo, reconhecendo aquele momento crucial.

"Sim," confirmou Célis com voz compassiva. "Foi quando você fez um acordo com forças que não compreendia, entregando sua luz interior em troca de uma falsa sensação de poder."

"Mas você sempre teve escolha," acrescentou Caster. "E ainda tem."

Então, mostraram a ele imagens do futuro: um Rodrigo transformado, usando sua experiência para ajudar jovens a não seguirem o mesmo caminho destrutivo que ele havia trilhado. Um homem redimido, não pelos padrões do mundo, mas pelos padrões divinos, que transcendem o julgamento humano.

"Isso é possível?" perguntou ele, emocionado com aquela visão de esperança.

"Tudo é possível quando há verdadeiro arrependimento e desejo de reparação," respondeu Caster. "Como está escrito em 2 Coríntios 5:17: 'Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!"

Antes de acordar, Rodrigo recebeu uma última visão: as entidades obsessoras que por tantos anos o haviam controlado, agora afastando-se, incapazes de suportar a luz que crescia em seu interior. Algumas partiam com fúria impotente, mas outras — especialmente as menos comprometidas com o mal — pareciam hesitar, como se atraídas pela possibilidade de também escolherem um caminho diferente.

Ao despertar, Rodrigo sentia-se diferente. Um peso enorme havia sido removido de seus ombros. Pela primeira vez em décadas, respirou profundamente, como se seus pulmões finalmente pudessem se expandir por completo.

Naquele mesmo dia, durante o horário de visitas, algo inédito aconteceu: uma senhora idosa veio vê-lo. Era sua mãe, com quem não falava há quinze anos. O reencontro, mediado pelo Padre Thomas, foi carregado de emoção. Entre lágrimas de arrependimento e perdão, Rodrigo deu o primeiro passo concreto em sua jornada de redenção.

Seis meses após a primeira intervenção espiritual de Caster e Célis, a transformação de Rodrigo era completa e evidente para todos. Havia se tornado uma referência positiva dentro do presídio, mediando conflitos entre detentos e participando ativamente de programas de reabilitação. Através de sua influência, outros prisioneiros começaram a mostrar sinais de mudança.

Em uma reunião especial organizada pelo Padre Thomas, Rodrigo compartilhou sua história pela primeira vez com um grupo de jovens infratores que visitavam o presídio como parte de um programa preventivo.

"Eu também achava que o poder vinha do medo que causava nos outros," disse ele, com uma sinceridade que tocou profundamente os jovens. "Mas isso era uma prisão muito pior do que estas paredes de concreto. O verdadeiro poder está em escolher o bem, mesmo quando tudo ao seu redor parece empurrálo para o mal."

Enquanto falava, Caster e Célis observavam com satisfação a partir do plano espiritual. A aura de Rodrigo, antes dominada por tons escuros e densos, agora irradiava uma luz suave mas constante. As entidades obsessoras haviam sido completamente afastadas, incapazes de encontrar ressonância naquele espírito em processo de elevação.

"Ele ainda tem um longo caminho pela frente," comentou Célis, observando o homem que agora falava com tanta eloquência sobre transformação e esperança.

"Sim," concordou Caster. "Mas já não caminha sozinho. E cada passo que dá na direção correta inspira outros a seguirem o mesmo caminho."

Naquele momento, um dos jovens que escutava o depoimento de Rodrigo — um rapaz de expressão endurecida que havia chegado ao encontro com atitude desafiadora — deixou escapar uma lágrima. Caster sorriu, reconhecendo naquela pequena manifestação de emoção genuína o início de outra possível transformação.

"Veja, querida," disse ele a Célis, apontando para o jovem. "É assim que a luz se propaga. De um coração transformado para outro."

Juntos, observaram Rodrigo concluir seu depoimento com palavras que, sem que ele soubesse, ecoavam os ensinamentos de seus mentores espirituais:

"Nunca é tarde para recomeçar. Nunca estamos tão perdidos que não possamos ser encontrados. E nunca, jamais, devemos perder a esperança de que um coração, por mais endurecido que pareça, pode ser transformado pelo poder do amor divino."

E assim, mais uma vez, o casal de mentores espirituais testemunhava o milagre da transformação humana — a prova viva de que, mesmo nas trevas mais densas, uma centelha de luz divina permanece viva, esperando apenas a oportunidade de brilhar novamente.

Episódio 4: Sementes no Solo Árido – A Transformação Helena

O luxuoso apartamento na cobertura de um dos edifícios mais caros da cidade contrastava drasticamente com o vazio interior de sua proprietária. Helena Mendonça, 45 anos, havia construído um império no ramo imobiliário através de práticas comerciais agressivas e, frequentemente, questionáveis. Era conhecida no mercado como "A Tubarão" — um apelido que inicialmente detestou, mas que com o tempo passou a usar como emblema de orgulho.

Naquela noite, enquanto contemplava a cidade iluminada de sua varanda com uma taça de vinho caro, Helena sentia-se estranhamente inquieta. Horas antes, havia fechado um negócio que resultaria na demolição de um conjunto habitacional onde viviam dezenas de famílias. O terreno seria transformado em um condomínio de alto padrão que duplicaria seu patrimônio.

"Negócios são negócios," murmurou para si mesma, como costumava fazer quando a consciência — essa inconveniente companheira que insistia em não se calar completamente — a incomodava. "Se não fosse eu, seria outro."

Ao entrar novamente no apartamento, Helena sentiu uma súbita mudança na atmosfera. O ar parecia mais denso, e uma fragrância suave de jasmim — a flor preferida de sua falecida mãe — preenchia o ambiente. Intrigada, caminhou até seu escritório, onde mantinha uma pequena biblioteca com livros que raramente lia.

Um dos volumes estava aberto sobre sua mesa. Helena tinha certeza de que não havia deixado nenhum livro aberto antes de sair naquela manhã. Aproximando-se com curiosidade, viu que era uma velha Bíblia herdada de sua avó, aberta na parábola do Rico e Lázaro.

"Impressionante leitura, não acha?"

A voz serena atrás dela fez Helena girar bruscamente. Um homem idoso, de aparência simples mas dignificada, estava sentado em sua poltrona preferida. Havia algo estranho nele — seus contornos pareciam ligeiramente difusos, como se vistos através de um vidro embaçado, e uma luz suave emanava de sua figura.

"Quem é você? Como entrou aqui?" exigiu Helena, tentando disfarçar o susto com autoridade.

O visitante sorriu com benevolência. "Meu nome é Caster Ortsac. Quanto à sua segunda pergunta, digamos que as portas que separam os mundos são mais permeáveis do que você imagina."

Helena alcançou o telefone, pronta para chamar a segurança, mas parou ao perceber que o aparelho não emitia nenhum som.

"Não se alarme," continuou Caster, seu tom tranquilo e gentil. "Não estou aqui para assustá-la, mas para convidá-la a uma reflexão. Você conhece a história que está aberta nesse livro?"

"Alguma coisa sobre um homem rico que vai para o inferno," respondeu Helena, defensivamente. "Histórias para assustar crianças e controlar os pobres, na minha opinião."

Caster riu suavemente. "Uma interpretação interessante, embora limitada. Na verdade, é uma história sobre escolhas e consequências, sobre a cegueira que a abundância material pode provocar."

"Olhe," interrompeu Helena, recuperando sua postura habitual, "se você é algum tipo de... sei lá... alucinação causada pelo estresse ou pelo vinho, prefiro que vá embora. Tenho relatórios para revisar."

"Os relatórios sobre o Residencial Esperança? Aquele que você planeja demolir para construir o Condomínio Elysium?"

Helena empalideceu. Aquela informação era confidencial, conhecida apenas por ela e seus sócios mais próximos.

"Como você sabe disso?"

"Sei muito mais, Helena," respondeu Caster, levantandose da poltrona e caminhando até a varanda. "Sei sobre a menina de doze anos que sonhava em ser professora, que prometeu à mãe doente que construiria um mundo melhor. Sei sobre a jovem universitária que defendia causas sociais antes que o sistema a convencesse de que ideais não pagam contas. E sei sobre a mulher que, em algum ponto do caminho, confundiu sucesso com acumulação."

Algo na voz de Caster atingiu Helena profundamente. Memórias há muito enterradas sob camadas de cinismo e pragmatismo começaram a emergir. Lembrou-se de sua infância simples, das dificuldades financeiras de sua família, e de como prometeu a si mesma que nunca mais passaria necessidade.

"Você não sabe nada sobre mim," disse ela, mas sua voz havia perdido a firmeza habitual.

"Venha comigo," convidou Caster, estendendo a mão. "Há algo que você precisa ver."

Hesitante, Helena aceitou a mão oferecida. No instante em que seus dedos tocaram os de Caster, o luxuoso apartamento desapareceu. Estavam agora em uma rua mal iluminada, diante de um conjunto de prédios modestos – o Residencial Esperança.

"O que é isso? Como chegamos aqui?" perguntou Helena, confusa

"Não estamos realmente aqui, no sentido físico," explicou Caster. "Digamos que é uma maneira de expandir sua percepção."

Sem aviso, começaram a atravessar paredes, entrando nos apartamentos como observadores invisíveis. Helena viu famílias reunidas para o jantar, crianças fazendo lição de casa, idosos contando histórias, jovens sonhando com o futuro. Em cada lar, apesar da simplicidade e às vezes da precariedade, havia algo que seu apartamento de cobertura não continha: vida autêntica, conexões genuínas.

Em um dos apartamentos, uma mulher de meia-idade, visivelmente cansada após um longo dia de trabalho, ajudava uma menina com suas tarefas escolares.

"Esta é Marta," informou Caster. "Trabalha como faxineira em três casas diferentes para sustentar a filha Júlia, que sonha em ser médica. O diagnóstico recente de esclerose múltipla de Marta está dificultando seu trabalho, mas ela se recusa a desistir"

"Por que está me mostrando isso?" perguntou Helena, sentindo uma incômoda pressão no peito.

"Porque decisões tomadas em salas de reunião afetam vidas reais," respondeu Caster com simplicidade. "Jesus ensinou que o que fazemos ao menor dos seus irmãos, fazemos a Ele próprio. Cada uma destas pessoas é um espelho do divino, Helena, assim como você."

Continuaram sua jornada por mais alguns lares, e cada história penetrava um pouco mais na armadura emocional que Helena havia construído ao longo dos anos. Finalmente, Caster a levou ao último apartamento do bloco.

"Este pertenceu à sua família, não é verdade?"

Helena olhou ao redor, atordoada. Reconheceu imediatamente o pequeno apartamento onde passou sua infância, antes que sua família fosse despejada devido a um aumento abusivo no aluguel. Ali estava o sofá remendado onde seu pai lia histórias para ela, a mesinha onde sua mãe costurava para complementar a renda familiar, a janela de onde observava o pôr do sol sonhando com dias melhores.

"Como é possível?" murmurou ela, lágrimas inesperadas brotando em seus olhos.

"O tempo é um conceito mais fluido do que imaginamos," respondeu Caster. "O passado nunca nos deixa completamente,

assim como as sementes que plantamos continuam a germinar muito depois do momento do plantio."

De repente, estavam de volta ao apartamento de Helena. Ela caiu sentada no sofá, aturdida pela experiência.

"*O que você quer de mim?*" perguntou finalmente, sua voz quase um sussurro.

"Não quero nada para mim," respondeu Caster com serenidade. "A pergunta é: o que você quer para si mesma? Lembra-se da parábola do semeador? Algumas sementes caem em solo árido e não prosperam. Outras encontram terra fértil e produzem frutos abundantes. O solo de seu coração, Helena, tornou-se árido ao longo dos anos, mas não está morto. Com o cultivo adequado, pode florescer novamente."

Caster aproximou-se e tocou levemente o ombro de Helena. "Reflita sobre as palavras de Jesus: 'De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?' Você construiu um império, Helena, mas a que custo? Não é tarde para reescrever sua história."

Com essas palavras, a presença de Caster começou a se dissipar gradualmente, como névoa sob o sol da manhã.

"Espere!" clamou Helena. "O que devo fazer?"

A voz de Caster, agora parecendo vir de todas as direções, respondeu suavemente: "Ouça seu coração, Helena. Ele sabe o caminho de volta para casa."

Pela primeira vez em muitos anos, Helena Mendonça chorou – não lágrimas de frustração ou raiva, como às vezes acontecia quando um negócio dava errado, mas lágrimas de reconhecimento, de luto pela pessoa que havia deixado de ser, e talvez, de esperança pelo que ainda poderia se tornar.

Na manhã seguinte, para espanto de seus sócios, Helena anunciou o cancelamento do projeto de demolição do Residencial Esperança. Em vez disso, propôs um plano de revitalização do conjunto habitacional, mantendo as famílias em suas casas com aluguéis acessíveis.

"Perdeu a cabeça?" questionou um dos sócios. "Isso vai custar uma fortuna e reduzir drasticamente nosso lucro!"

Helena sorriu, sentindo uma leveza que não experimentava há décadas. "Talvez eu tenha finalmente encontrado minha cabeça... e meu coração. Quanto ao lucro, há diferentes formas de medir riqueza."

Nas semanas que se seguiram, Helena tornou-se uma presença frequente no Residencial Esperança. Criou programas de capacitação profissional para os moradores, uma biblioteca comunitária, e financiou bolsas de estudo para jovens promissores – incluindo Júlia, a filha de Marta, que agora poderia seguir seu sonho de estudar medicina.

Em uma tarde tranquila, enquanto observava crianças brincando no novo playground do residencial, Helena sentiu uma fragrância familiar de jasmim e um calor reconfortante ao seu lado. Embora não pudesse ver Caster, sabia que ele estava ali, sorrindo com aprovação.

"Obrigada," sussurrou ela para o ar. "Por me lembrar quem eu realmente sou."

E no plano espiritual, Caster Ortsac contemplava com alegria mais uma alma que havia reencontrado seu propósito divino. "Não há solo tão árido," pensou ele, "que não possa florescer quando irrigado pelo amor."

Episódio 5: O Silêncio Quebrado - A Cura de Antônio

O Centro de Reabilitação Renascer ocupava um prédio antigo nos arredores da cidade. Suas paredes descascadas e corredores estreitos abrigavam histórias de sofrimento, mas também de superação. No quarto 17, ao final do corredor mais silencioso, encontrava-se Antônio Pereira, um homem de 56 anos que não pronunciara uma única palavra nos últimos sete meses.

Antônio havia sido um respeitado juiz criminal, conhecido por sua eloquência nos tribunais e sua dedicação inflexível à justiça. Sua vida mudou drasticamente quando, após condenar membros de uma organização criminosa, tornou-se alvo de uma vingança brutal. Numa noite chuvosa, ao retornar para casa, encontrou sua esposa e filha assassinadas. Ele próprio sobreviveu por milagre, após receber dois tiros que o deixaram semanas em coma.

Quando finalmente despertou, Antônio havia se refugiado em um silêncio absoluto. Os médicos diagnosticaram mutismo seletivo severo, agravado por estresse pós-traumático. Não havia lesão física que explicasse seu silêncio — era sua alma que havia decidido calar-se diante do horror insuportável.

Após passar por diversos hospitais e especialistas sem apresentar melhora, Antônio foi transferido para o Centro Renascer, onde ocupava seus dias sentado junto à janela de seu quarto, observando o pequeno jardim com olhos vazios de expressão. Os funcionários já haviam se acostumado com sua presença silenciosa e seu olhar perdido. Alguns, compassivos, conversavam com ele mesmo sem obter resposta; outros, mais pragmáticos, limitavam-se a cuidar de suas necessidades básicas.

Naquela tarde de outono, quando as folhas douradas dançavam com o vento no jardim, uma nova voluntária chegou ao centro. Era uma senhora de cabelos grisalhos e sorriso gentil, que se apresentou como Célis na recepção. Algo em sua presença parecia iluminar o ambiente, como se trouxesse consigo uma aura de paz que se espalhava sutilmente.

"Gostaria de ajudar com os pacientes mais difíceis," disse ela à supervisora. "Aqueles que outros talvez tenham desistido."

A supervisora hesitou, mas havia algo na determinação serena daquela senhora que inspirava confiança. "Temos um caso particularmente desafiador. Antônio Pereira, quarto 17. Não fala há meses e praticamente não interage. Os terapeutas têm tentado sem sucesso."

Célis assentiu com um sorriso suave. "Posso vê-lo agora?"

Ao entrar no quarto de Antônio, Célis não demonstrou surpresa ou pena – emoções que ele havia aprendido a detectar e a rejeitar silenciosamente. Em vez disso, aproximou-se com naturalidade e sentou-se na cadeira vazia ao lado dele, contemplando o mesmo jardim que ele observava há meses.

"As folhas de outono sempre me lembraram que mesmo no processo de despedida há beleza," comentou ela suavemente, como se estivesse apenas pensando em voz alta e não esperasse resposta. "Meu marido costumava dizer que a natureza nos ensina que para haver renovação, é preciso deixar ir."

Antônio não demonstrou reação, mas algo imperceptível mudou no ar entre eles. Célis permaneceu em silêncio por alguns minutos, respeitando o espaço que ele havia construído ao redor de

si mesmo. Então, tirou de sua bolsa um pequeno livro encadernado em couro gasto.

"Trouxe algo para ler para você, se não se importar. São reflexões que meu marido escreveu ao longo de sua vida. Ele também conheceu o sofrimento intimamente e descobriu caminhos através dele, não para esquecê-lo, mas para integrá-lo à sua história sem ser destruído por ele."

Sem esperar consentimento, Célis abriu o livro e começou a ler com voz clara e melodiosa:

"A dor, quando vem, nos convida a acreditar que é eterna. Sussurra em nossos ouvidos que consumirá todo nosso ser, que não restará nada de quem fomos. Esse é seu primeiro engano. A dor não é eterna, embora possa nos acompanhar por muito tempo. Não nos consome por completo, embora transforme quem somos. Jesus nos ensinou que os que choram serão consolados, não porque a razão de seu choro desaparecerá, mas porque encontrarão força além de sua própria para carregá-la..."

Enquanto Célis lia, a luz do entardecer criava padrões dourados no chão do quarto. Antônio permanecia imóvel, mas seus olhos, antes fixos em um ponto indefinido, agora pareciam focalizar as palavras que fluíam no ar.

Após cerca de meia hora, Célis fechou suavemente o livro. "*Voltarei amanhã*, *se você permitir*," disse ela, levantando-se. Antes de sair, tocou levemente a mão de Antônio – um toque tão leve quanto uma brisa, mas que transmitia um calor reconfortante.

Nos dias que se seguiram, Célis retornou fielmente. Às vezes lia trechos do livro de Caster, outras vezes apenas sentava-se

em silêncio contemplativo ao lado de Antônio. Ocasionalmente, contava histórias de sua própria vida – nunca histórias de grandiosidade, mas pequenos momentos de beleza e descoberta que havia compartilhado com seu marido, seus filhos, e as muitas pessoas que haviam cruzado seu caminho.

Na terceira semana, algo extraordinário aconteceu. Enquanto Célis lia um trecho sobre perdão, uma lágrima solitária escorreu pelo rosto de Antônio – a primeira expressão emocional que os funcionários haviam presenciado desde sua chegada.

"O perdão não é um presente que oferecemos ao outro," lia Célis, "mas um presente que damos a nós mesmos. Não é esquecimento, nem minimização do mal sofrido. É a decisão de não permitir que o mal continue a ter poder sobre nós. Jesus, na cruz, não esperou que seus algozes se arrependessem para dizer 'Pai, perdoa-lhes'. Ele compreendeu que o perdão é um ato de libertação própria, não dependente das ações alheias..."

A lágrima de Antônio foi seguida por outra, e mais outra, até que um choro silencioso sacudia seus ombros. Célis pousou o livro e, com infinita gentileza, tomou as mãos dele entre as suas.

"Você não está sozinho nesta dor," sussurrou ela.

Naquele momento, algo incomum aconteceu no quarto. O ar pareceu vibrar com uma presença adicional, e uma luz suave emanou do canto onde uma poltrona vazia estava posicionada. Antônio ergueu os olhos, subitamente alerta, e viu a figura translúcida de um homem idoso de olhar compassivo sentado ali – um homem que parecia profundamente familiar, embora tivesse certeza de nunca tê-lo encontrado antes.

"Algumas feridas são profundas demais para serem curadas apenas no plano que conhecemos," disse Caster, sua voz ressoando não apenas nos ouvidos, mas na própria alma de Antônio. "É por isso que minha Célis e eu trabalhamos juntos — ela trazendo o conforto maternal que acolhe e nutre, eu oferecendo a perspectiva de quem já vislumbrou ambos os lados da existência."

Célis sorriu para o marido, uma comunicação silenciosa passando entre eles, antes de voltar-se para Antônio.

"Você se pergunta por que isso aconteceu com sua família," continuou Caster, respondendo a pergunta que Antônio havia gritado silenciosamente durante meses. "Pergunta-se onde estava Deus quando o mal visitou sua casa. Pergunta-se que propósito pode existir em continuar vivendo quando tudo que amava foi arrancado de você."

Antônio assentiu levemente, o primeiro gesto voluntário de comunicação desde a tragédia.

"Não tenho respostas que eliminarão sua dor," disse Caster com honestidade gentil. "O mistério do mal e do sofrimento é profundo demais mesmo para aqueles que já cruzaram o véu entre os mundos. O que posso lhe oferecer não são respostas, mas um caminho – não para esquecer, mas para honrar através da vida que ainda pulsa em você."

Durante horas, uma conversa sem palavras fluiu entre eles. Caster mostrou a Antônio visões de sua esposa e filha no plano espiritual – não como fantasmas ou aparições, mas como presenças luminosas que haviam transcendido o sofrimento de seus últimos momentos e agora evoluíam em paz, embora preocupadas com o isolamento em que ele havia se encerrado.

Célis, segurando as mãos de Antônio, ajudava-o a processar as emoções avassaladoras que o assolavam – raiva, culpa, desespero, saudade – sem ser consumido por elas. Era como se sua presença atuasse como uma âncora, mantendo-o conectado à realidade enquanto navegava por aquele turbilhão emocional.

"A justiça dos homens é importante," explicou Caster, "e você a serviu com integridade. Mas há uma justiça maior, que não depende de nossas ações para se cumprir. Os responsáveis pela sua dor enfrentarão as consequências de suas escolhas, não apenas nas leis humanas, mas na lei universal de causa e efeito que rege a existência."

Quando a noite avançada já cedia lugar à madrugada, algo extraordinário aconteceu. Antônio abriu a boca e, com voz rouca pelo longo desuso, pronunciou:

"Eu... as vejo. Elas... estão bem?"

Foram poucas palavras, mas para quem havia se refugiado no silêncio absoluto, representavam um universo de reconexão com a vida.

Célis sorriu através de lágrimas de compaixão. "Elas estão em paz, Antônio. E desejam o mesmo para você."

"A maior homenagem que pode prestar a elas," acrescentou Caster, "não é sepultar-se com as lembranças, mas mantê-las vivas através do bem que ainda pode realizar no mundo. Sua esposa e filha continuam existindo não apenas no plano onde estão agora, mas também em cada vida que você tocar a partir de hoje."

Antes que o sol nascesse, Antônio havia falado mais do que nos sete meses anteriores combinados. Contou sobre sua família, sobre a noite trágica, sobre a culpa que carregava por não ter estado lá para protegê-las, sobre o vazio existencial que havia tomado conta de sua alma.

À medida que o quarto começava a ser iluminado pelos primeiros raios de sol, a presença de Caster foi gradualmente se tornando menos visível.

"Partiremos agora," disse ele, "mas não estaremos longe. Há momentos em que as cortinas entre os mundos se tornam mais tênues – no silêncio da meditação, na contemplação sincera, na oração genuína. Nesses momentos, estaremos ao seu alcance."

Célis levantou-se, parecendo aos olhos dos funcionários do centro apenas uma voluntária dedicada que havia passado a noite oferecendo conforto a um paciente em crise. Mas Antônio sabia que ela era muito mais.

"Como posso encontrá-los novamente?" perguntou ele, um traço de desespero em sua voz.

Célis sorriu com ternura maternal. "Não nos procure fora, mas dentro. Como ensinou Jesus, 'o Reino dos Céus está dentro de vós'. Quando buscar a conexão com o divino em seu próprio coração, estaremos lá."

Nas semanas seguintes, para espanto da equipe médica, Antônio progrediu rapidamente. O mutismo deu lugar à fala, embora suas palavras fossem agora mais medidas e profundas. O isolamento cedeu espaço para uma reconexão gradual com o mundo, embora seus relacionamentos fossem agora seletivos e significativos.

Seis meses após o encontro com Célis e Caster, Antônio deixou o Centro Renascer. Não retornou à magistratura, optando em vez disso por fundar uma organização de apoio a famílias vítimas de violência – um espaço onde a dor era reconhecida, honrada e gradualmente transformada em força para seguir adiante.

Em sua sala na nova fundação, Antônio mantinha duas fotografias: uma de sua esposa e filha, sorrindo em um dia de verão; outra de um casal de idosos que a maioria das pessoas não reconheceria – uma enfermeira compassiva e um médico sábio que, segundo ele explicava quando perguntado, haviam lhe ensinado que o amor transcende todas as fronteiras, inclusive a mais definitiva delas.

E em momentos especiais, quando o pôr do sol criava padrões dourados no piso de sua sala, Antônio podia sentir a fragrância de jasmins no ar e um calor reconfortante envolvendo seu coração. Nessas horas, ele sabia que seus mentores – tanto os que haviam partido quanto os que permaneciam no plano espiritual para guiá-lo – estavam ali, celebrando silenciosamente cada passo de sua jornada de cura.

No plano espiritual, Célis e Caster contemplavam com satisfação mais esta alma renovada pela esperança.

"Você tem um dom especial para curar feridas emocionais profundas," comentou Caster com admiração para sua companheira eterna.

"E você tem a sabedoria que abre portas para a compreensão," respondeu Célis amorosamente. "Juntos, formamos o equilíbrio perfeito."

"Como sempre foi e sempre será," concordou Caster, enquanto suas energias se fundiam em harmonia, preparando-se para o próximo chamado que certamente viria — pois enquanto houvesse sofrimento no mundo material, os mentores espirituais Célis e Caster Ortsac continuariam sua missão de amor e cura.

Episódio 6: O Chamado da Madrugada

A noite estava mais fria do que o habitual em Vila Serena. Nos becos escuros próximos à antiga estação ferroviária, Rafael, um jovem de apenas 22 anos, tremia. Não era apenas o vento cortante que o fazia tremer, mas também a abstinência. Fazia quase quinze horas que não conseguia uma dose, e seu corpo cobrava o preço por três anos de dependência química.

Sentado no chão úmido, encostado na parede de um prédio abandonado que servia de abrigo para vários outros como ele, Rafael olhava para o céu sem estrelas. A vida nem sempre fora assim. Lembrava-se vagamente dos tempos de escola, do sorriso da mãe, das tardes jogando bola no campinho do bairro. Memórias que pareciam pertencer a outra pessoa, de outra vida.

"Como cheguei a esse ponto?", pensou, enquanto sentia as lágrimas quentes contrastando com o frio em seu rosto.

Foi então que aconteceu algo estranho. O ar ao seu redor pareceu ficar mais denso, mais quente. Uma súbita sensação de paz o envolveu, como se alguém tivesse colocado um cobertor sobre seus ombros, não apenas para protegê-lo do frio, mas também para lembrá-lo que não estava sozinho.

"Filho, a noite é mais escura antes do amanhecer."

Rafael levantou o olhar, assustado. A voz era clara, embora não houvesse ninguém próximo. Era uma voz calma, madura, com um timbre que transmitia segurança.

"Quem está aí?" perguntou, olhando ao redor.

"Alguém que já esteve perdido como você, mas encontrou o caminho de volta."

Rafael se levantou, ainda confuso. A voz parecia vir de todos os lugares e de nenhum lugar ao mesmo tempo.

"Não tenha medo," continuou a voz. "Meu nome é Caster Ortsac. Em vida, fui como muitos: cheio de dúvidas, enfrentei dificuldades, conheci a dor. Mas também descobri que nenhuma escuridão é permanente quando permitimos que a luz entre em nossa vida."

"Estou... estou alucinando?" Rafael balbuciou.

Uma suave risada ecoou. "Não, filho. Estou aqui para ajudá-lo. O universo tem caminhos misteriosos para nos colocar frente a frente com as lições que precisamos aprender."

Foi então que Rafael viu, não com os olhos, mas com algo além dos sentidos físicos: a imagem de um senhor idoso, de cabelos grisalhos e olhos profundamente afetuosos. Vestia roupas simples, mas tinha uma presença que irradiava sabedoria e compaixão.

"Lembra-se da parábola do filho pródigo, Rafael?" perguntou o espírito de Caster. "Aquele que se perdeu nos excessos, gastou toda sua herança e acabou desejando comer a comida dos porcos? Mesmo assim, quando decidiu voltar para casa, o pai o recebeu de braços abertos, com festa e alegria."

Rafael sentiu algo estranho dentro do peito. Era como se aquelas palavras despertassem uma memória adormecida, de quando ainda ia à igreja com sua avó nos domingos de manhã.

"Não sei se consigo voltar," confessou Rafael. "Não sei nem por onde começar."

"O maior rio começa com uma pequena gota d'água," respondeu Caster. "E a jornada mais longa começa com um único passo. O que você precisa agora não é de uma dose, Rafael. O que você precisa é de esperança."

Naquele momento, Rafael sentiu uma clareza que não experimentava há anos. Como se uma névoa que obscurecia seus pensamentos começasse a se dissipar.

"Amanhã, ao nascer do sol, vá até o Centro de Recuperação Novas Chances, na Rua das Acácias. Diga que foi enviado pelo Dr. Ortsac. Eles te receberão."

"Mas eu não tenho dinheiro, não tenho documentos, como vão me aceitar?" questionou Rafael.

"Tenha fé, filho. A vida me ensinou que, quando estendemos a mão com sinceridade, sempre há alguém do outro lado para segurá-la."

O ar começou a voltar ao normal. A presença confortadora foi se dissipando, mas antes de desaparecer completamente, Caster acrescentou:

"Lembre-se sempre: você não é seus erros, você não é sua dor. Você é uma alma em aprendizado, e cada amanhecer traz consigo a oportunidade de um novo começo."

E então, Rafael estava novamente sozinho no beco. Mas algo havia mudado. O desespero pela droga tinha diminuído,

substituído por uma estranha determinação. Podia ser apenas um delírio causado pela abstinência, pensou. Mas e se não fosse?

Lentamente, ele se levantou, decidido a esperar pelo amanhecer. Pela primeira vez em muito tempo, havia um plano, um destino, um propósito além da próxima dose.

À medida que a noite avançava, Rafael adormeceu com uma paz que não conhecia há anos, embalado pela lembrança daquela voz gentil e pela promessa de um novo dia. Em seu sonho, viu-se caminhando por um campo ensolarado, acompanhado por um senhor de olhar bondoso que lhe contava histórias sobre perdão, recomeço e a infinita capacidade humana de transformação.

Do outro lado do véu que separa os mundos, o espírito de Caster Ortsac sorria. Mais uma semente plantada. Mais uma alma que, talvez, encontraria seu caminho de volta à luz. Era esse o trabalho que agora dava sentido à sua existência: ser um farol para os que navegavam em mares tempestuosos, oferecendo não respostas prontas, mas a oportunidade de redescobrirem suas próprias forças.

Enquanto observava Rafael adormecido, Caster sabia que a jornada seria difícil. A recuperação nunca era uma linha reta, mas sim um caminho sinuoso, com avanços e recuos. Mas também sabia, pela experiência de suas próprias lutas em vida e pelas muitas almas que já havia ajudado depois dela, que cada passo dado com intenção sincera era uma vitória por si só.

"Até breve, Rafael," sussurrou o espírito, antes de partir para outro chamado, outro coração necessitado, outra oportunidade de servir como instrumento da luz em um mundo que, por vezes, parecia mergulhado em sombras.

| o céu de | o horizonte, dourado, ar nificar o iní | nunciando | um novo | dia que, | |
|----------|--|-----------|---------|----------|--|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

Episódio 7: Duas Luzes, Um Propósito

O Hospital Municipal de Vila Serena estava especialmente agitado naquela noite. No setor de emergência, médicos e enfermeiros corriam de um lado para outro, tentando atender aos pacientes que chegavam sem parar. Entre os casos mais graves, uma jovem mulher havia dado entrada após um grave acidente de carro.

Mariana, 28 anos, estava inconsciente sobre a maca. Os médicos lutavam para estabilizá-la enquanto as máquinas apitavam em tons de urgência. Seu corpo estava visivelmente machucado, mas era a hemorragia interna que mais preocupava a equipe médica.

"Ela está entrando em choque hipovolêmico," alertou um dos médicos. "Preparem a sala de cirurgia imediatamente."

Enquanto a equipe trabalhava freneticamente, algo incomum acontecia em um plano que os olhos físicos não podiam captar. Dois espíritos de luz se materializavam ao lado do leito de Mariana. Caster Ortsac, com sua presença serena e olhar compassivo, chegou primeiro. Logo em seguida, uma suave luminosidade se formou ao seu lado, revelando a figura gentil de uma senhora de meia-idade, cabelos prateados e olhos que transbordavam afeto: Célis Ortsac.

"Querido," disse Célis com voz melodiosa, "a situação desta jovem é delicada. Seu corpo está gravemente ferido, mas é sua alma que mais me preocupa."

Caster assentiu, observando além das aparências físicas. Conseguia ver o que os médicos não viam: a energia vital de Mariana oscilava, como uma chama prestes a se extinguir. Mais preocupante ainda era a densa névoa escura que cercava seu campo energético, reflexo de um profundo sofrimento interior.

"Célis, minha companheira, vejo que não foi apenas o acidente que a trouxe até aqui," comentou Caster. "Há marcas de uma dor antiga em seu espírito."

Ambos se aproximaram mais, colocando suas mãos etéreas sobre a testa de Mariana. Instantaneamente, foram transportados para as memórias recentes da jovem: imagens de uma carta de despejo, contas médicas que não conseguia pagar, uma entrevista de emprego fracassada e, naquela mesma tarde, a descoberta de que estava grávida. O acidente não fora acidental — Mariana havia deliberadamente acelerado em direção a uma curva fechada, em um momento de completo desespero.

Célis olhou para o marido com lágrimas espirituais brilhando em seus olhos. "Ela tentou tirar não apenas a própria vida, mas também a vida que começa a se formar dentro dela."

"Uma, perdida no labirinto do desespero; outra, apenas começando sua jornada."

Naquele momento, os médicos começaram os procedimentos para levar Mariana à sala de cirurgia. O tempo era essencial, tanto no plano físico quanto no espiritual.

"É hora de trabalharmos juntos, como sempre fizemos," disse Caster, segurando as mãos da esposa.

Juntos, os dois espíritos começaram a emanar uma intensa luz dourada que envolveu Mariana. Enquanto Célis concentrava sua energia no pequeno embrião que lutava para se manter conectado à mãe, Caster aproximou-se do ouvido da jovem e começou a falar diretamente com seu subconsciente.

"Mariana," sussurrou ele, "escute minha voz. Sei que a dor parece insuperável agora, mas lembre-se da parábola do grão de mostarda. Da menor das sementes nasce uma grande árvore. Da mesma forma, da sua aparente fragilidade nascerá uma força que você jamais imaginou possuir."

Nos monitores, os sinais vitais de Mariana começaram a se estabilizar, para surpresa dos médicos.

"O que está dentro de você não é um fardo, mas um presente," continuou Caster. "Uma oportunidade de renascimento para ambos."

Célis, enquanto isso, envolvia o útero de Mariana com uma luz azul-prateada, fortalecendo os laços energéticos entre mãe e filho. Com sua voz doce, ela cantarolava uma antiga canção de ninar que costumava cantar para seus próprios filhos, quando ainda estava encarnada.

"Pequena alma," ela murmurava para o embrião, "sua jornada está apenas começando, e sua mãe precisa de você tanto quanto você dela. Juntos, vocês aprenderão as mais profundas lições de amor."

Durante a cirurgia, que durou quase cinco horas, Caster e Célis permaneceram ao lado de Mariana, inspirando a equipe médica com intuições precisas e sustentando energeticamente o corpo debilitado da jovem. Quando finalmente a levaram para a UTI, os médicos comentavam sobre o milagre de ela ter sobrevivido a tamanha perda de sangue.

Na primeira noite na UTI, enquanto Mariana flutuava entre a consciência e a inconsciência, Caster e Célis intensificaram seu trabalho espiritual. Em seus sonhos semiconscientes, Mariana viu-se em um jardim iluminado, onde um casal de idosos a convidava para sentar-se em um banco de pedra sob uma árvore frondosa.

"Quem são vocês?" perguntou ela, confusa.

"Somos amigos," respondeu Célis com um sorriso caloroso. "Estamos aqui para lembrá-la de algo que você esqueceu."

"O que eu esqueci?"

Caster pegou suas mãos gentilmente. "Esqueceu que cada dificuldade tem seu propósito. Lembra-se do que Jesus ensinou sobre os lírios do campo? Eles não tecem nem fiam, mas são vestidos com esplendor maior que o de Salomão. Você nunca esteve sozinha em suas lutas, Mariana."

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto da jovem no sonho. "Mas não tenho nada... Perdi meu emprego, vou perder minha casa, não tenho como sustentar..."

Foi quando Célis colocou a mão sobre o ventre de Mariana. "Você carrega o maior dos tesouros, filha. Uma nova vida. E com ela, novas possibilidades."

"Mas como vou..."

"Um passo de cada vez," interrompeu Caster. "Jesus também nos ensinou a não nos preocuparmos com o amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal."

Enquanto conversavam, Célis teceu uma delicada rede de luz sobre Mariana, restaurando seu campo energético, enquanto Caster projetava imagens de um futuro possível: Mariana com um bebê nos braços, recebendo ajuda de uma comunidade acolhedora, encontrando um novo emprego que lhe permitiria trabalhar de casa e cuidar de seu filho.

"Nenhuma alma vem a este mundo sem um propósito," explicou Célis. "Seu filho escolheu você, Mariana. E existe uma rede de apoio esperando para ajudá-los."

Antes que o sonho terminasse, Caster entregou a Mariana uma pequena flor brilhante. "Quando acordar, lembre-se deste momento. Procure o Centro Comunitário Nova Esperança na Rua dos Girassóis. Pergunte pela assistente social Helena. Diga que foi enviada pelo Dr. Ortsac. Ela saberá como ajudá-la."

Três dias depois, quando Mariana finalmente despertou completamente na UTI, a primeira coisa que perguntou à enfermeira foi sobre seu bebê.

"Está tudo bem com seu bebê," respondeu a enfermeira, surpresa. "Como soube que estava grávida? Descobrimos apenas durante os exames de admissão."

Mariana não soube explicar. Apenas sentiu uma paz inexplicável e lembrou-se vagamente de um sonho com um casal bondoso e uma mensagem importante. Quando recebeu alta uma

semana depois, uma das primeiras coisas que fez, ainda sem entender exatamente por quê, foi procurar o Centro Comunitário Nova Esperança.

Para sua surpresa, não apenas Helena existia, como a recebeu como se já a esperasse. O centro oferecia abrigo temporário para mulheres em situação de vulnerabilidade, assistência pré-natal e cursos profissionalizantes. No corredor principal do centro, havia um quadro com a foto de um casal de idosos. Ao passar por ele, Mariana parou, atordoada.

"Conhece o casal Ortsac?" perguntou Helena, notando seu olhar fixo na fotografia.

"Eu... acho que os vi em um sonho," respondeu Mariana, ainda confusa.

Helena sorriu. "O Dr. Caster e Dona Célis foram os fundadores deste centro há mais de trinta anos. Já faleceram, mas muitas pessoas que passam por aqui relatam sonhos e experiências semelhantes. Alguns dizem que eles continuam cuidando deste lugar e das pessoas que precisam de ajuda."

Naquela noite, em seu novo quarto no centro comunitário, Mariana colocou a mão sobre o ventre e, pela primeira vez em muito tempo, chorou – não de desespero, mas de gratidão. Havia um longo caminho pela frente, mas já não se sentia sozinha.

A alguns metros dali, invisíveis aos olhos humanos, Caster e Célis observavam com satisfação. Mais uma alma resgatada das sombras do desespero, mais uma vida preservada, mais um novo começo.

"Nossa lista de hoje ainda é longa, meu amor," lembrou Célis, segurando a mão do marido.

Caster assentiu, olhando com carinho para a companheira de tantas jornadas – na terra e além dela. "*Onde há dor, oferecemos consolo. Onde há desespero, trazemos esperança.*"

"Unidos na luz," completou Célis.

"*Unidos na luz*," repetiu Caster, enquanto ambos se dissolviam em um suave brilho azulado, seguindo para seu próximo chamado – outra alma necessitada, outra oportunidade de servir como instrumentos do amor divino em um mundo tão carente de compreensão e compaixão.

Episódio 8: Laços de Família

O Hospital Universitário São Francisco estava silencioso àquela hora da madrugada. No quarto 407, apenas o som ritmado dos aparelhos quebrava o silêncio, monitorando os sinais vitais de Carlos Cruz, um jovem de 23 anos que há três meses lutava contra uma doença misteriosa que consumia suas forças dia após dia.

Sentada ao lado da cama, Sofy Ortsac Cruz, filha do falecido senhor Caster, observava o filho com olhos cansados mas atentos. Aos 48 anos, Sofy carregava traços evidentes do pai — os mesmos olhos profundos e expressivos, a mesma determinação diante das dificuldades. Porém, agora, essa determinação começava a ceder lugar a um desespero silencioso.

"Eles não sabem o que fazer, filho," sussurrou ela, segurando a mão pálida de Carlos. "Mas não vou desistir de você. Nunca."

Do outro lado da cama, seu marido, Roberto Cruz, cochilava em uma poltrona desconfortável. As semanas de vigília constante haviam deixado marcas profundas em seu rosto. O casal se revezava para que Carlos nunca ficasse sozinho, uma promessa que haviam feito no primeiro dia de internação.

O que nenhum dos dois podia ver era que Carlos não estava sozinho naquele momento. Ao redor da cama hospitalar, duas presenças luminosas haviam se materializado: Caster e Célis observavam com profunda preocupação o neto que nunca haviam conhecido em vida.

"Nosso menino," murmurou Célis, passando suavemente a mão pelo rosto abatido de Carlos. "Tão jovem e enfrentando uma prova tão difícil."

Caster assentiu, seu semblante habitualmente sereno agora marcado pela aflição. "A medicina terrena não consegue diagnosticar o que ele tem porque a origem não é apenas física," explicou ele. "Veja o que envolve seu campo energético."

Ao redor do corpo de Carlos, uma névoa cinzenta e densa pulsava, principalmente concentrada na região do plexo solar e do coração. Para olhos espirituais treinados como os de Caster e Célis, aquilo era claro: uma interferência energética de origem espiritual, algo que nenhum exame médico convencional poderia detectar.

"É uma obsessão?" perguntou Célis, preocupada.

"Não exatamente," respondeu Caster, examinando mais atentamente. "Não vejo entidades hostis ao redor. É mais como... uma auto-obsessão."

Célis olhou para o marido, confusa. Caster então explicou enquanto passava suas mãos energéticas pelo corpo etérico do neto:

"Carlos carrega uma memória espiritual de outra encarnação. Uma ferida antiga que nunca cicatrizou completamente. Veja como seu corpo etérico está desequilibrado exatamente nos centros emocionais."

Concentrando-se mais profundamente, Caster e Célis puderam acessar fragmentos da memória espiritual de Carlos: imagens de uma vida passada, cerca de duzentos anos antes, quando ele havia sido um médico que, por orgulho e ambição, negligenciou

o tratamento de muitos pacientes pobres, causando sofrimento e mortes desnecessárias. O peso desse karma agora manifestava-se como uma doença física que desafiava diagnósticos.

"Nosso neto precisa de cura em múltiplos níveis," concluiu Caster. "Precisamos encontrar alguém aqui na Terra que possa servir de ponte entre os dois planos. Alguém com sensibilidade espiritual suficiente para receber nossas orientações."

"Nossa filha," sugeriu Célis, olhando para Sofy com amor. "Ela sempre foi intuitiva, como você."

Caster balançou a cabeça. "Sofy fechou seu canal intuitivo após nossa partida. A dor foi tão grande que ela ergueu barreiras. Teremos que buscar outro caminho."

Foi então que a porta do quarto se abriu silenciosamente. Uma enfermeira de meia-idade entrou para verificar os sinais vitais de Carlos. Diferente dos outros profissionais, ela sempre realizava seu trabalho com uma suavidade especial, murmurando palavras de encorajamento ao paciente, mesmo sabendo que este estava inconsciente na maior parte do tempo.

Caster e Célis se entreolharam imediatamente. A aura da enfermeira era diferente – uma luminosidade azulada a envolvia, indicando elevada sensibilidade espiritual.

"Boa noite, Carlos," disse a enfermeira em voz baixa, ajustando o soro. "Hoje o céu está lindo, cheio de estrelas. Quando você melhorar, poderá vê-las da janela."

Sofy, que havia despertado com a entrada da enfermeira, observava sua gentileza com gratidão.

"Senhora Luísa," chamou-a. "Acha que meu filho vai melhorar? Os médicos parecem cada vez mais pessimistas."

A enfermeira Luísa sorriu com serenidade. "Sabe, senhora Cruz, em trinta anos de profissão, aprendi que a medicina tem seus limites, mas a vida sempre nos surpreende. Seu filho é jovem e forte. E tem algo nele... uma luz que não se apaga."

Enquanto isso, Caster aproximou-se de Luísa e sussurrou em seu ouvido:

"Diga a ela sobre o Centro Espiritual Luz Divina. Diga que lá encontrarão ajuda."

Para surpresa de todos, inclusive dela mesma, Luísa sentiu um estranho impulso e continuou:

"Senhora Cruz, não sei se a senhora é religiosa ou tem alguma crença espiritual, mas... conheço um lugar chamado Centro Espiritual Luz Divina. Eles fazem um trabalho sério com pessoas que a medicina convencional não consegue ajudar. Talvez... talvez valha a pena conhecer."

Sofy arregalou os olhos, surpresa com a sugestão. Seu pai, Caster, havia sido um homem de fé, mas não dogmático. Sempre lhe ensinara a buscar respostas além do óbvio, a não fechar portas para diferentes formas de conhecimento. Desde a morte dos pais, porém, Sofy havia se afastado de qualquer prática espiritual.

"Um centro espírita?" perguntou ela, hesitante.

"Não é bem isso," explicou Luísa. "É um lugar onde médicos convencionais trabalham lado a lado com terapeutas

holísticos e médiuns curadores. Foi fundado por um médico cardiologista que teve uma experiência de quase-morte e voltou com uma nova visão sobre a cura."

Roberto, que agora estava acordado, interveio: "Sofy, já tentamos tudo que a medicina convencional oferece. Que mal pode fazer?"

Célis, vendo a hesitação da filha, aproximou-se e, embora Sofy não pudesse vê-la, envolveu-a num abraço energético, enviando-lhe sensações de conforto e coragem.

"É estranho," comentou Sofy, "mas algo me diz para confiar em suas palavras, senhora Luísa."

A enfermeira sorriu, também sem entender completamente o impulso que a levara a fazer aquela sugestão. "O fundador do centro é o Dr. Miguel Ângelo. Ele atende às quartas e sextas. Se quiserem, posso tentar marcar uma consulta."

Naquela mesma noite, Caster e Célis deixaram o hospital com uma missão clara: precisavam conhecer melhor esse Centro Espiritual Luz Divina e o tal Dr. Miguel Ângelo. Se ele realmente possuía a sensibilidade necessária, poderiam utilizá-lo como instrumento para a cura de Carlos.

Na tarde seguinte, materializaram-se no referido centro — um casarão antigo reformado na parte mais tranquila da cidade. O local irradiava uma energia serena e acolhedora. Nas paredes da recepção, além de diplomas médicos, havia citações de diversas tradições espirituais, desde os evangelhos cristãos até textos budistas sobre cura e compaixão.

Não demorou muito para que Caster e Célis encontrassem o Dr. Miguel Ângelo em seu consultório, estudando o prontuário de um paciente. Era um homem de aproximadamente 60 anos, cabelos grisalhos e uma expressão de profunda concentração. O que mais chamou a atenção dos espíritos foi sua aura – um campo energético vibrante e equilibrado, com cores que indicavam elevado desenvolvimento espiritual.

"Este pode ser nosso canal," observou Caster.

Célis concordou, acrescentando: "Mas precisamos testá-lo primeiro, confirmar sua receptividade."

Aproximando-se do médico, Caster colocou a mão sobre sua cabeça e projetou um pensamento claro: "Carlos Cruz, 23 anos, Hospital Universitário São Francisco, quarto 407."

O doutor Miguel parou subitamente o que estava fazendo. Pegou um bloco de notas e, quase automaticamente, escreveu: "Carlos Cruz -407 – São Francisco". Ficou olhando para o nome por alguns instantes, intrigado, sem entender por que havia escrito aquilo.

Caster sorriu para Célis. "Ele é receptivo. Agora precisamos trabalhar para que Sofy realmente o procure."

Naquela noite, enquanto Sofy dormia numa poltrona ao lado da cama do filho, Caster entrou em seus sonhos. Não se identificou como seu pai, mas apareceu como um médico idoso e gentil.

"Seu filho pode ser curado," disse ele no sonho. "Mas a cura virá por mãos que enxergam além do visível. Procure o Dr. Miguel Ângelo. A enfermeira Luísa conhece o caminho."

Ao acordar, Sofy não se lembrava claramente do sonho, mas sentia uma certeza inexplicável. Quando Luísa entrou no quarto para o turno da manhã, Sofy imediatamente perguntou:

"Senhora Luísa, poderia me dar o endereço daquele centro que mencionou ontem? E se possível, ajudar a marcar uma consulta com o Dr. Miguel Ângelo?"

Luísa sorriu, como se de alguma forma já esperasse por aquela pergunta. "Claro que sim. Na verdade, algo muito estranho aconteceu. Dr. Miguel ligou esta manhã para o hospital, perguntando especificamente sobre um paciente chamado Carlos Cruz. Disse que teve uma forte intuição de que deveria atendê-lo."

Roberto, que ouvia a conversa, olhou para a esposa com uma mistura de esperança e incredulidade. "Como ele poderia saber sobre Carlos?"

"Não sei explicar," respondeu Luísa. "Mas em tantos anos de enfermagem, aprendi que algumas coincidências são difíceis demais para serem apenas coincidências."

Dois dias depois, graças a uma autorização especial e ao apoio da equipe médica do hospital (que já havia esgotado todas as possibilidades convencionais de tratamento), Dr. Miguel Ângelo visitou Carlos no hospital. Ao entrar no quarto, imediatamente sentiu a presença de Caster e Célis, embora não pudesse vê-los claramente.

"Há quanto tempo ele está assim?" perguntou, examinando Carlos e seu prontuário.

"Três meses," respondeu Sofy. "Começou com fadiga extrema, depois fraqueza muscular progressiva. Os exames não mostram causa aparente. É como se... como se ele estivesse se apagando."

Dr. Miguel assentiu, fechando os olhos por um momento enquanto colocava as mãos sobre o peito de Carlos. O que ele não disse é que podia sentir uma energia densa e pesada ali, como um nó que precisava ser desatado.

"Seu filho está carregando um peso que não pertence a esta vida," disse finalmente. "Não sei se vocês acreditam em vidas passadas, mas há feridas antigas manifestando-se agora como doença física."

Roberto parecia cético, mas Sofy lembrou-se das conversas filosóficas que tinha com seu pai sobre a natureza da alma e do universo.

"O que podemos fazer?" perguntou ela.

"Preciso trabalhar com ele em dois níveis: o físico e o espiritual. No centro, temos uma equipe médica convencional que trabalhará nos sintomas, enquanto eu e outros terapeutas trabalharemos na causa raiz."

Ao lado do leito, invisíveis para os presentes, Caster e Célis observavam com esperança. Finalmente haviam encontrado o elo necessário entre os dois planos – alguém que poderia servir de instrumento para a cura do neto.

"Começaremos amanhã," continuou Dr. Miguel. "Com sua permissão, gostaria de transferi-lo para nossa clínica. Temos toda a estrutura hospitalar necessária, mas também um ambiente mais propício para o tipo de cura que ele precisa."

Enquanto Sofy e Roberto discutiam os detalhes com Dr. Miguel, Caster aproximou-se do neto e sussurrou em seu ouvido:

"Não tenha medo, Carlos. Seu avô e sua avó estão aqui. Nunca estivemos realmente ausentes. Agora trabalharemos juntos – nós do lado de cá, o Dr. Miguel do lado de lá, e você, com sua força interior, no centro de tudo isso. Lembre-se do que Jesus ensinou: a fé move montanhas. E seu corpo, por mais doente que pareça, é menor que uma montanha."

Naquele momento, para surpresa de todos no quarto, a mão de Carlos moveu-se levemente — o primeiro movimento voluntário em semanas. Um pequeno sorriso pareceu desenhar-se em seus lábios pálidos.

"Ele sorriu!" exclamou Sofy. "Vocês viram?"

Dr. Miguel assentiu, sentindo a energia do quarto mudar sutilmente. "*Ele não está sozinho nesta luta*," disse. "*Nunca esteve*."

Célis segurou a mão do marido, ambos com lágrimas de esperança em seus olhos espirituais. Era apenas o começo de uma jornada que exigiria esforços em ambos os planos da existência – uma missão especial para os mentores espirituais Caster e Célis, unindo agora não apenas sua sabedoria e compaixão, mas também o profundo amor que sentiam por seu neto.

No plano espiritual superior, outras entidades observavam com atenção. A cura de Carlos não seria apenas física, mas representaria uma oportunidade de redenção cármica e um poderoso exemplo da colaboração possível entre os dois lados da vida. Uma ponte sendo construída com alicerces de amor, ciência e espiritualidade, mostrando que, para a verdadeira cura, às vezes é preciso ir além dos limites do mundo visível.

O Dr. Miguel, juntamente com toda a sua equipe, trabalhou incansavelmente na cura de Carlos Cruz, sem falar que, o tempo todo, o Dr. Caster e Célis estiveram trabalhando na cura espiritual do seu neto. A ciência e a fé mais uma vez vencendo uma batalha que parecia perdida. A recuperação de Carlos ainda está em andamento, mas com certeza ficará curado nos próximos meses.

Episódio 9: As Correntes do Passado

A Penitenciária Estadual de Serra Alta era conhecida por sua rigorosa disciplina e pelos longos corredores cinzentos que pareciam sugar qualquer esperança de quem por ali passava. No pavilhão B, cela 218, Joaquim Mendes, um homem de 42 anos, observava o pequeno quadrado de céu visível através da janela gradeada. Condenado a quinze anos por assalto à mão armada, já havia cumprido sete, mas o tempo parecia se arrastar cada vez mais lentamente.

Naquela noite, como em muitas outras, Joaquim não conseguia dormir. Os fantasmas do passado o atormentavam – não apenas os crimes que cometera, mas principalmente a família que abandonara: uma esposa dedicada e dois filhos pequenos que agora cresciam sem conhecer o pai.

"Por que continuo neste ciclo?" murmurou para si mesmo, passando as mãos calejadas pelo rosto cansado. "Toda vez que tenho uma chance, acabo estragando tudo."

O que Joaquim não sabia é que suas palavras haviam atraído visitantes especiais. Materializando-se no canto da cela, Caster e Célis observavam o detento com compaixão. Nos últimos meses, enquanto acompanhavam a recuperação de seu neto Carlos – que agora mostrava significativos sinais de melhora sob os cuidados do Dr. Miguel Ângelo – os dois espíritos de luz haviam recebido uma nova missão: auxiliar almas presas em ciclos de autodestruição e violência.

"Este homem carrega correntes mais pesadas que as impostas por esta prisão," observou Caster, aproximando-se de Joaquim.

Célis assentiu. Com sua sensibilidade aguçada, conseguia perceber os nós energéticos que envolviam o campo áurico do prisioneiro – densas formações de energia escura ao redor do chakra cardíaco e do plexo solar.

"Vejo um padrão repetitivo em sua alma," comentou ela. "Não é a primeira vez que ele se encontra aprisionado, não apenas em sentido físico."

Caster fechou os olhos por um momento, acessando os registros akáshicos de Joaquim – aquela dimensão espiritual onde todas as experiências das almas ficam gravadas. O que viu foi uma sequência de vidas marcadas por escolhas semelhantes: abuso de poder, abandono de responsabilidades, uso da força contra os mais fracos.

"É um espírito antigo," concluiu Caster, "mas que continua tropeçando nas mesmas pedras, encarnação após encarnação."

"E ainda assim, há luz em seu interior," acrescentou Célis, notando um ponto luminoso que pulsava no centro do peito de Joaquim, apesar de todas as camadas de energia densa que o cercayam.

Naquele momento, o detento levantou-se inquieto e caminhou até a pequena mesa onde guardava seus poucos pertences. De dentro de um livro surrado, retirou uma fotografia amassada: sua esposa, Maria, e seus dois filhos, Pedro e Ana, em um raro dia de piquenique. A única foto que tinha da família reunida. Seus dedos ásperos acariciaram o rosto das crianças na imagem.

"Eles nem devem se lembrar de mim," murmurou, com a voz embargada.

Célis aproximou-se e colocou suavemente sua mão espiritual sobre o ombro de Joaquim.

"Há arrependimento sincero," disse ela para Caster. "É o momento perfeito para intervirmos."

Caster concordou. "Precisamos encontrar uma forma de quebrar este ciclo. Ele necessita enxergar o padrão para poder transformá-lo."

A oportunidade surgiu na manhã seguinte. Joaquim foi chamado ao gabinete do diretor da penitenciária – algo incomum para quem geralmente passava despercebido, mantendo-se afastado das confusões que frequentemente agitavam o presídio.

"Mendes," disse o diretor, um homem de meia-idade com expressão severa, mas não desprovida de humanidade, "você já ouviu falar do Projeto Recomeço?"

Joaquim balançou a cabeça negativamente.

"É uma iniciativa nova. Voluntários vêm ao presídio para atividades de ressocialização. Terapias, palestras, oficinas profissionalizantes. Um dos grupos quer iniciar um programa de reconexão familiar."

Caster e Célis, que acompanhavam Joaquim, entreolharam-se esperançosos.

"E o que isso tem a ver comigo?" perguntou o detento, desconfiado

"Seu nome foi sugerido como um possível participante," respondeu o diretor, consultando uma lista. "Seu comportamento é bom, você nunca se envolveu em rebeliões ou tráfico interno. Pensei que poderia se interessar."

O que o diretor não mencionou – porque ele mesmo não compreendia completamente – foi o impulso inexplicável que sentira ao ver o nome de Joaquim Mendes. Uma intuição súbita, como se alguém tivesse sussurrado em seu ouvido: "Este homem está pronto para uma segunda chance."

No canto da sala, Caster sorriu. Sua influência sutil tinha funcionado.

Joaquim hesitou. O medo da rejeição pesava mais que a esperança de reconexão com a família.

"E se minha esposa não quiser me ver? E se meus filhos me odiarem?"

Foi quando Célis se aproximou e envolveu Joaquim em uma energia amorosa e acolhedora — a mesma que usava para confortar seu neto Carlos durante as sessões de cura espiritual. Embora não pudesse ver a entidade luminosa, o detento sentiu um estranho calor invadindo seu peito, uma coragem repentina que não parecia vir dele mesmo.

"Eu... eu acho que gostaria de participar, sim," respondeu finalmente.

Na semana seguinte, o pátio interno da penitenciária estava organizado de maneira diferente. Cadeiras foram dispostas em círculos e voluntários circulavam orientando os detentos que haviam sido selecionados para o programa.

Entre os voluntários estava uma mulher idosa de cabelos brancos e olhos gentis, Dona Helena, coordenadora de um centro comunitário espírita da cidade. Ao ver Joaquim, ela sentiu uma forte impressão, como se já o conhecesse de algum lugar.

O que Dona Helena não sabia é que era uma médium natural com elevada sensibilidade. Embora não tivesse desenvolvido plenamente essa faculdade, conseguia captar impressões e sentimentos do plano espiritual. O que ela sentiu ao ver Joaquim foi a presença de Caster e Célis, que o acompanhavam de perto.

"Você deve ser o senhor Mendes," disse ela, aproximandose. "Sinto que hoje será um dia especial para você."

Joaquim franziu o cenho, desconfiado. "Por que diz isso?"

"Intuição," respondeu ela simplesmente. "Às vezes, temos visitas que não podemos ver, mas que nos guiam para as experiências que precisamos ter."

Antes que Joaquim pudesse questionar aquelas palavras enigmáticas, um dos guardas chamou sua atenção:

"Mendes, sala de visitas especiais. Você tem dez minutos para se preparar."

O coração de Joaquim acelerou. Seria possível que...?

Célis olhou para o marido com aprovação. "Você conseguiu entrar em contato com a esposa dele?"

Caster assentiu. "Não foi fácil. Maria estava muito magoada, com o coração endurecido por anos de abandono. Mas enquanto dormia, pude mostrar-lhe em sonhos o quanto seu perdão seria importante, não apenas para Joaquim, mas para ela mesma e para seus filhos."

Na sala de visitas especiais, decorada de forma mais acolhedora que o espaço comum de visitação, Joaquim aguardava, nervoso. Suas mãos tremiam levemente e ele não conseguia permanecer sentado.

"E se eles não vierem?" perguntou em voz alta, para ninguém em particular.

No canto da sala, Caster aproximou-se e, embora Joaquim não pudesse vê-lo ou ouvi-lo claramente, sussurrou:

"Tenha fé, filho. Lembre-se da parábola do filho pródigo. Não importa o quão longe você tenha ido, sempre há um caminho de volta para o amor."

Como um eco desse pensamento, Joaquim recordou-se subitamente de sua avó, uma senhora religiosa que frequentemente lhe contava histórias bíblicas quando criança. A lembrança trouxe uma estranha paz ao seu coração agitado.

A porta se abriu lentamente. Primeiro, entrou uma mulher de aproximadamente 40 anos, Maria, com o rosto marcado por anos de luta solitária, mas ainda bonita, com olhos que um dia haviam sido cheios de amor por ele. Atrás dela, dois adolescentes: Pedro,

agora com 15 anos, alto e com expressão fechada; e Ana, 13 anos, o olhar curioso e apreensivo.

"Oi, Maria," disse Joaquim, com a voz trêmula. "Obrigado por virem."

O silêncio que se seguiu foi denso, carregado de emoções contraditórias. Ao redor da família, Caster e Célis trabalhavam sutilmente, criando um campo energético propício para a reconciliação – não forçando sentimentos que não existiam, mas removendo bloqueios que impediam a comunicação genuína.

"Foram sete anos, Joaquim," disse Maria finalmente. "Não viemos para fingir que nada aconteceu."

"Eu sei," respondeu ele, baixando os olhos. "Nem mereço que estejam aqui."

Foi então que Ana, a filha mais nova, deu um passo à frente. "*Eu quase não me lembro de você, pai*," disse ela, com uma honestidade que só as crianças possuem.

Aquelas palavras atingiram Joaquim como um soco. Célis, percebendo sua dor, envolveu pai e filha em um campo de amor compassivo, criando uma ponte invisível entre seus corações.

"Eu... eu gostaria de conhecer você agora," continuou Ana, para surpresa de todos. "A psicóloga da escola disse que conhecer nosso passado nos ajuda a construir nosso futuro."

Pedro, o filho mais velho, permanecia calado, os braços cruzados em postura defensiva. Em seu campo energético, Caster

podia ver a mágoa profunda, a sensação de abandono, o peso de ter que assumir responsabilidades além de sua idade.

"Pedro," chamou Joaquim, "sei que você tem todo direito de me odiar..."

"Eu não te odeio," interrompeu o adolescente, com a voz surpreendentemente controlada. "Isso exigiria que você fosse importante para mim. Estou aqui pela minha mãe e minha irmã."

Maria lançou um olhar de repreensão ao filho, mas Joaquim balançou a cabeça.

"Ele está certo, Maria. Não mereço nada diferente."

Foi nesse momento que Caster se aproximou de Pedro e tocou levemente seu ombro. O adolescente não viu nem sentiu fisicamente o toque, mas algo dentro dele se moveu – uma pequena rachadura no muro que havia construído.

"Mas..." continuou Joaquim, "se vocês permitirem, gostaria de tentar ser parte da vida de vocês de alguma forma. Não como o pai que eu deveria ter sido – esse tempo passou. Mas talvez como alguém que possa, de algum modo, ajudar daqui para frente."

Célis, ao lado de Pedro, sussurrou em seu ouvido espiritual: "O perdão não é para o outro, é para nós mesmos. As correntes do ódio prendem mais quem odeia do que quem é odiado."

Como um reflexo desse pensamento, Pedro sentiu uma estranha leveza no peito, como se um peso que carregava há anos começasse a diminuir.

"Quanto tempo ainda falta para você sair?" perguntou ele, finalmente olhando diretamente para o pai.

"Oito anos," respondeu Joaquim. "Mas estou estudando e trabalhando na oficina de marcenaria. Com bom comportamento e remição pela educação e trabalho, posso reduzir para cinco anos."

A conversa continuou, hesitante a princípio, depois um pouco mais fluida. Não houve grandes reconciliações dramáticas nem promessas exageradas – apenas pequenos passos em direção a uma possível reconexão.

Quando o tempo da visita terminou, Joaquim sentiu-se simultaneamente exausto e renovado. Ao se despedir, Ana o surpreendeu com um rápido abraço. Pedro apenas assentiu, mas já era mais do que Joaquim esperava.

"Podemos voltar no mês que vem?" perguntou Ana para a mãe, enquanto saíam.

"Veremos," respondeu Maria, olhando brevemente para Joaquim. Não havia perdão completo em seus olhos, mas talvez uma pequena abertura.

De volta à cela, Joaquim sentou-se na beirada da cama, pensativo. Algo havia mudado dentro dele — não apenas pelo encontro com a família, mas por uma sensação inexplicável de estar sendo guiado, amparado.

"Obrigado," sussurrou ele para o ar vazio. "Seja lá quem estiver me ajudando."

Caster e Célis, ao seu lado, sorriram. Aquela era apenas a primeira de muitas intervenções necessárias. O caminho de redenção de Joaquim seria longo e exigiria trabalho em múltiplos níveis: psicológico, emocional, espiritual. Principalmente, exigiria que ele compreendesse o padrão cármico que repetia há várias encarnações e escolhesse conscientemente rompê-lo.

Na semana seguinte, para sua surpresa, Joaquim foi chamado para participar de um novo projeto da penitenciária: aulas de meditação e autoconhecimento, ministradas por voluntários do mesmo centro comunitário de Dona Helena.

"Como souberam que eu me interessaria por isso?" perguntou ele ao guarda que lhe entregou o convite.

O guarda deu de ombros. "Seu nome estava na lista. Talvez alguém tenha recomendado você."

No plano espiritual, Caster e Célis observavam satisfeitos. As sementes estavam sendo plantadas. O trabalho de transformação interior estava apenas começando, mas o mais importante já havia acontecido: a abertura para a mudança.

"É fascinante como as almas escolhem caminhos tão diferentes para seu aprendizado," comentou Célis enquanto deixavam a penitenciária. "Nosso neto Carlos, através da doença física; este homem, Joaquim, através do confinamento e da perda."

"Diferentes caminhos, mesma jornada," respondeu Caster. "Todos buscamos, conscientemente ou não, retornar à luz que existe dentro de nós mesmos."

Enquanto se afastavam, suas presenças luminosas deixavam um rastro sutil de energia positiva que se espalhou por toda a prisão, tocando outras almas que, como Joaquim, estavam prontas para dar o primeiro passo em sua própria jornada de transformação.

Em algum lugar da cidade, Dr. Miguel Ângelo, que continuava tratando o jovem Carlos com sucesso, sentiu uma súbita inspiração: expandir seu trabalho para incluir presidiários. Sem entender completamente de onde vinha aquela ideia, começou a fazer anotações para um novo projeto. Ao mesmo tempo, Dona Helena, voltando para casa após seu trabalho voluntário no presídio, decidiu procurar o Dr. Miguel, de quem havia ouvido falar, para propor uma parceria.

As conexões invisíveis estavam sendo tecidas, os instrumentos do plano físico se alinhavam com os trabalhadores do plano espiritual – uma dança harmoniosa orquestrada por mentores dedicados como Caster e Célis, que entendiam que a verdadeira libertação começa sempre de dentro para fora, um coração de cada vez.

Episódio 10: Além das Aparências

Professor Alexandre Mendes era respeitado na universidade onde lecionava Filosofia há mais de vinte anos. Seus alunos o admiravam pela inteligência aguda e pelo vasto conhecimento, embora muitos se sentissem desconfortáveis com sua postura inflexível quanto a questões espirituais. Alexandre não apenas se declarava ateu convicto, mas fazia questão de usar sua eloquência para desafiar qualquer perspectiva religiosa que surgisse em suas aulas.

"Se existe um Deus bondoso e onipotente, por que permite que crianças inocentes morram de câncer?" era um de seus argumentos favoritos. "Se existe um Deus amoroso, por que guerras, fome e desastres naturais devastam comunidades inteiras?"

Seu escritório na universidade era facilmente identificável pela placa na porta que exibia uma citação de Epicuro: "Ou Deus quer impedir o mal e não pode, ou pode mas não quer, ou nem quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente. Se pode e não quer, é malévolo. Se nem quer nem pode, é impotente e malévolo. Se quer e pode, de onde vem o mal?"

O que seus colegas e alunos não sabiam é que a convicção ateísta de Alexandre tinha raízes profundas em sua própria história. Aos doze anos, ele havia perdido os pais e a irmã mais nova em um acidente de carro. Enquanto ele voltava da escola de ônibus, sua família, a caminho de buscá-lo, foi atingida por um caminhão cujo motorista dormira ao volante. Alexandre foi o único sobrevivente, sendo criado posteriormente por uma tia que, embora amorosa, também não tinha inclinações religiosas.

Na adolescência, Alexandre ainda frequentou algumas vezes a igreja que seus pais haviam frequentado, buscando respostas para sua perda. Mas as explicações que ouviu — "Deus tem um plano", "Seus pais estão em um lugar melhor" — só aumentaram sua revolta. Gradualmente, converteu sua dor em uma cruzada intelectual contra o que considerava "o ópio do povo" — a fé religiosa.

Aos 47 anos, Alexandre havia construído uma sólida carreira acadêmica. Era autor de três livros sobre filosofia existencialista e mantinha um blog popular onde frequentemente discutia os "absurdos da fé" à luz da razão e da ciência. Seu último post, intitulado "A Arrogância da Providência", havia gerado centenas de comentários acalorados após ele usar o recente desabamento de uma escola em um país asiático como argumento contra a existência de um Deus benevolente.

No plano espiritual, Caster e Célis observavam Alexandre com profunda compaixão. Recentemente designados para auxiliálo, estudavam cuidadosamente sua trajetória, compreendendo as raízes de sua dor e revolta.

"Ele construiu uma fortaleza intelectual ao redor de seu coração ferido," observou Célis enquanto acompanhavam Alexandre durante uma de suas aulas. "Cada argumento contra a fé é, na verdade, um tijolo para proteger-se de sentir novamente a dor da perda."

Caster assentiu, observando a aura de Alexandre — brilhante em sua região mental, indicando sua notável inteligência, mas com sombras densas na região emocional, revelando feridas não cicatrizadas.

"Sua mente é extraordinária," comentou Caster. "Mas está a serviço de proteger seu coração, não de libertá-lo. Este será um caso diferente dos anteriores, querida. Precisaremos de uma abordagem que o alcance primeiro através do intelecto que ele tanto valoriza."

"E como faremos isso?" perguntou Célis. "Ele é extremamente resistente a qualquer ideia relacionada à espiritualidade."

Caster sorriu suavemente. "Lembra-se do que Jesus disse em Mateus 10:16? 'Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas.' Precisaremos de sabedoria para encontrar uma brecha nessa armadura intelectual."

Após um período de observação cuidadosa, o casal de mentores espirituais elaborou um plano. Diferentemente de outras intervenções, onde podiam agir mais diretamente, com Alexandre seria necessário um processo mais sutil — uma série de "coincidências" que o levariam a questionar suas próprias certezas.

Tudo começou em uma manhã de outono, quando Alexandre encontrou um livro em sua caixa de correio da universidade. Não havia remetente, apenas uma nota anônima: "Pensei que poderia interessá-lo, de um colega que admira seu rigor intelectual." O livro, escrito por um renomado neurocientista que antes fora ateu ferrenho, relatava suas pesquisas sobre experiências de quase-morte e a possibilidade da consciência existir além do cérebro físico.

Alexandre quase descartou o volume, mas algo — uma influência sutil de Caster — despertou sua curiosidade. "Será

interessante ver onde este homem da ciência tropeçou em seu raciocínio," pensou, colocando o livro em sua pasta.

Nas semanas seguintes, o professor encontrou-se inexplicavelmente atraído por aquela leitura. As evidências apresentadas, rigorosamente documentadas e analisadas com metodologia científica, começaram a causar pequenas fissuras em suas certezas absolutas. Não que estivesse convertido — longe disso — mas pela primeira vez em décadas, sentia-se intelectualmente desafiado por uma perspectiva que ia além do materialismo estrito.

Durante esse período, Caster e Célis intensificaram sua presença ao redor de Alexandre, especialmente durante seu sono. Em sonhos vívidos, que ele inicialmente atribuiu à influência de suas leituras recentes, o professor começou a reviver memórias de sua infância — momentos felizes com seus pais e a irmãzinha, lembranças há muito suprimidas pelo trauma da perda.

A segunda "coincidência" ocorreu durante uma de suas aulas. Alexandre discursava sobre o absurdo da existência, citando Albert Camus, quando uma aluna de intercâmbio, que raramente participava das discussões devido à barreira do idioma, levantou a mão.

"Professor," disse ela com seu sotaque marcado, "no meu país, sobrevivi a um tsunami que matou dezenas de milhares de pessoas, incluindo vários membros da minha família." A sala ficou em silêncio absoluto. "Eu também questionei a existência de Deus. Mas então percebi algo: a mesma água que tirou tantas vidas também trouxe à tona o melhor da humanidade — a solidariedade, o amor ao próximo, a capacidade de reconstruir."

Alexandre, habituado a rebater qualquer argumento prófé, surpreendeu-se sem palavras diante daquele testemunho simples e sincero. Naquele momento, influenciado pela presença de Célis, sentiu uma emoção que há muito não experimentava — um misto de respeito e humildade diante de uma experiência que seus argumentos filosóficos não conseguiam abarcar completamente.

"Obrigado por compartilhar sua experiência," foi tudo o que conseguiu dizer, antes de retomar a aula com um tom ligeiramente menos assertivo.

A terceira intervenção veio através de um encontro aparentemente casual. Em uma cafeteria próxima à universidade, onde Alexandre costumava trabalhar em seus textos, sentou-se à mesa ao lado um homem idoso que lhe pareceu vagamente familiar. Após alguns minutos de silêncio, o senhor iniciou uma conversa sobre o livro que Alexandre lia — justamente o que havia recebido anonimamente.

"Fascinante pesquisa, não é?" comentou o idoso com um sorriso amável. "Sempre admirei pessoas que seguem as evidências, mesmo quando contrariam suas crenças anteriores."

O que se seguiu foi uma das conversas mais estimulantes que Alexandre havia tido em anos. O senhor, que se apresentou como Carlos Mendes (uma "coincidência" de sobrenome que não passou despercebida), revelou-se um físico aposentado com um conhecimento surpreendente de filosofia. Discutiram desde mecânica quântica até epistemologia, e em cada tópico Alexandre encontrava um interlocutor à altura — alguém que compreendia perfeitamente os argumentos contra a existência de um plano divino, mas que oferecia contrapontos intrigantes.

"Sabe, professor," disse Carlos enquanto se despediam após quase duas horas de conversa, "a ciência nos ensina que a ausência de evidência não é evidência de ausência. E talvez o maior erro que possamos cometer é confundir o mapa com o território."

"Como assim?" perguntou Alexandre, intrigado.

"Nossas teorias, nossas explicações, nossa compreensão — são apenas mapas. A realidade é o território, vastamente mais complexo e frequentemente além de nossa capacidade atual de compreensão." O idoso sorriu com bondade. "A humildade intelectual talvez seja a postura mais científica que podemos adotar."

Alexandre ficou perturbado com aquele encontro por dias. Não sabia que Carlos não era um físico aposentado qualquer, mas um médium consciente que voluntariamente havia servido como instrumento para que Caster pudesse estabelecer aquele contato mais direto. As sementes da dúvida — não uma dúvida destruidora, mas construtiva — haviam sido plantadas.

Enquanto essas influências sutis aconteciam na vida de Alexandre, uma situação inesperada estava prestes a criar a oportunidade para uma intervenção mais significativa.

Em uma manhã de sábado, enquanto caminhava pelo parque próximo à sua casa, Alexandre presenciou um acidente: uma criança de aproximadamente seis anos caiu de uma árvore que havia escalado enquanto sua mãe se distraíra. O impacto foi grave, e a menina ficou inconsciente. Alexandre, que havia feito um curso de primeiros socorros anos atrás, foi o primeiro a chegar até ela,

verificando seus sinais vitais enquanto alguém chamava uma ambulância.

Nos minutos angustiantes que se seguiram, algo extraordinário aconteceu. Enquanto tentava manter a menina estável, Alexandre viu-se fazendo algo que não fazia há trinta e cinco anos: rezar. Não foi uma oração consciente ou elaborada — apenas um pedido urgente e sincero: "Por favor, não a leve. Por favor, deixe-a viver."

Quando a ambulância finalmente chegou e a criança foi levada às pressas para o hospital, Alexandre permaneceu no local, trêmulo e confuso com sua própria reação. Por que havia rezado? Para quem? Ele não acreditava em nada disso... ou acreditava?

Perturbado e precisando de solidão para processar seus pensamentos, Alexandre dirigiu-se para uma região montanhosa nos arredores da cidade — um local onde às vezes ia para escrever, apreciando a vista panorâmica e o silêncio. O que ele não sabia é que aquela reação espontânea de prece havia criado uma brecha momentânea em sua armadura espiritual — uma oportunidade que Caster e Célis não desperdiçariam.

Chegando ao mirante deserto, Alexandre sentou-se em um banco de pedra, contemplando o horizonte. Era um entardecer magnífico, com nuvens douradas pelo sol poente formando padrões complexos no céu. Em qualquer outro dia, ele teria apreciado apenas a beleza estética da cena, talvez pensando nos processos meteorológicos que criavam aquele espetáculo. Mas naquele momento, fragilizado pela experiência da manhã e por todas as pequenas "coincidências" das últimas semanas, estava mais receptivo do que nunca.

Foi então que sentiu — uma presença. Não era assustadora, mas tremendamente reconfortante. Uma calidez que parecia envolvê-lo, como se o ar ao seu redor tivesse subitamente se tornado mais denso, mais vivo.

"Alexandre," disse uma voz gentil, que ele ouviu não com os ouvidos, mas diretamente em sua mente. "Não tema. Estamos aqui para conversar."

O professor piscou várias vezes, olhando ao redor. Não havia ninguém visível, mas a sensação de presença era inegável. Seu primeiro instinto foi racionalizar — exaustão, estresse pelo acidente da manhã, talvez até uma reação neurológica. Mas algo dentro dele sabia que era mais que isso.

"Quem... quem está falando?" perguntou, sentindo-se ao mesmo tempo tolo e profundamente curioso.

Gradualmente, como se sua percepção estivesse sendo ajustada para uma frequência diferente, Alexandre começou a distinguir duas silhuetas luminosas à sua frente. Não eram completamente sólidas, mas tinham forma claramente humana — um homem e uma mulher de meia-idade, ambos com expressões de profunda compaixão.

"Meu nome é Caster," disse a figura masculina, "e esta é minha esposa, Célis. Somos o que você poderia chamar de mentores espirituais."

Alexandre engoliu em seco. Em qualquer outra circunstância, teria descartado aquela experiência como uma alucinação. Mas havia algo na presença daqueles seres que tocava

uma parte profunda dele — uma parte que o ceticismo intelectual nunca conseguira alcançar completamente.

"Isso não pode ser real," murmurou, mais para si mesmo do que para as presenças. "Não existem espíritos ou mentores... isso é apenas meu cérebro sob estresse."

Célis sorriu com ternura. "Alexandre, você sempre foi um homem que valoriza evidências. Permita-nos oferecer algumas, se estiver disposto a ouvir."

E então, para absoluto espanto do professor, os mentores começaram a falar sobre detalhes de sua vida que ninguém poderia saber. Mencionaram conversas privadas que tivera com seus pais na infância, o nome do cachorro que teve aos nove anos, o local exato onde sua família estava quando recebeu a notícia de que havia sido aceito na universidade para estudar Filosofia. Falaram sobre o colar que sua mãe usava no dia do acidente — um detalhe que ele mesmo havia esquecido conscientemente, mas que agora reconhecia como verdadeiro.

"Como vocês podem saber essas coisas?" perguntou, com a voz trêmula.

"Porque estamos além das limitações físicas que você considera a única realidade," explicou Caster. "Mas não estamos aqui para convencê-lo através de 'truques' ou 'revelações'. Estamos aqui porque seu coração está finalmente pronto para uma conversa que vem adiando há trinta e cinco anos."

Alexandre sentiu suas defesas começarem a ruir. Lágrimas que não derramava desde a adolescência formaram-se em seus olhos.

"Por que eles tiveram que morrer?" perguntou finalmente, dando voz à pergunta que havia transformado em mil argumentos filosóficos ao longo dos anos. "Se existe um Deus bom, por que minha família foi tirada de mim? Por que crianças morrem de fome? Por que tsunamis devastam comunidades inteiras?"

Célis aproximou-se, e embora Alexandre não pudesse senti-la fisicamente, percebeu uma onda de compaixão envolvendo-o.

"Essas perguntas vêm de um lugar de amor e de dor autênticos," disse ela suavemente. "E merecem mais do que respostas simplistas ou dogmáticas. Você está pronto para uma conversa honesta sobre isso?"

Alexandre assentiu, surpreso com sua própria disposição para aquele diálogo improvável.

Caster então sentou-se — ou pareceu sentar-se — ao lado de Alexandre no banco de pedra. "Primeiro, precisamos abordar um mal-entendido fundamental. A existência do sofrimento não é evidência da inexistência de Deus, mas sim da existência do livre-arbítrio e de um universo regido por leis naturais consistentes."

"Explique-se," pediu Alexandre, já engajado intelectualmente.

"Um mundo sem possibilidade de sofrimento seria um mundo sem escolha real, sem consequências, sem aprendizado, sem crescimento," continuou Caster. "Seria um mundo de marionetes, não de seres conscientes. A mesma liberdade que permite a alguém escolher ajudar o próximo permite a outro escolher fazer mal. As

mesmas leis físicas que permitem construir abrigos também permitem que terremotos aconteçam."

"Mas e as crianças inocentes? Que escolha fizeram elas?" contra-argumentou Alexandre, citando seu argumento favorito.

"Aí está uma das limitações da perspectiva puramente materialista," interveio Célis com gentileza. "Ela enxerga a vida como limitada ao intervalo entre nascimento e morte física, quando na verdade somos seres eternos em uma jornada muito mais longa. O sofrimento, por mais doloroso que seja — e nós não o minimizamos — é temporário em relação à eternidade do espírito."

Alexandre franziu a testa. "Isso soa como uma maneira conveniente de justificar o sofrimento."

"Entendemos por que vê dessa forma," respondeu Caster. "Mas considere isto: se a consciência realmente fosse apenas um produto do cérebro físico, sem continuidade após a morte, então sim, o sofrimento seria definitivo e, possivelmente, sem sentido. Mas se somos seres espirituais em uma jornada que transcende uma única vida física, então o sofrimento assume um significado diferente — como um desafio temporário em uma escola de aprendizado espiritual."

"Você está falando de reencarnação?" perguntou Alexandre, surpreso.

"Estamos falando da continuidade da consciência além da experiência física," esclareceu Caster. "As tradições espirituais descrevem esse processo de diferentes maneiras, mas o princípio é o mesmo: somos mais do que nossos corpos, e nossa jornada evolutiva transcende uma única existência." Por horas, ali naquele mirante enquanto o sol se punha e as estrelas começavam a pontilhar o céu, Alexandre engajou-se na discussão filosófica e espiritual mais profunda de sua vida. Caster e Célis não impuseram dogmas ou doutrinas, mas convidaram-no a expandir sua percepção, a considerar perspectivas que seu materialismo estrito havia descartado prematuramente.

Falaram sobre a natureza da consciência, sobre evidências científicas emergentes que sugerem sua não-localidade, sobre experiências de quase-morte documentadas em todo o mundo. Discutiram o conceito de livre-arbítrio e suas implicações cósmicas, a natureza do tempo vista de uma perspectiva não-linear, e o papel do sofrimento no crescimento espiritual.

"O sofrimento não é criado por Deus como punição ou teste arbitrário," explicou Célis. "Muitas vezes é consequência de escolhas — nossas ou de outros — ou simplesmente da operação das leis naturais que regem o universo físico. Mas mesmo nas situações mais dolorosas, existe a possibilidade de crescimento, aprendizado e transcendência."

"Como nos tsunamis mencionados por sua aluna," complementou Caster. "A mesma calamidade que causa destruição também desperta o que há de mais nobre no ser humano — solidariedade, compaixão, coragem, altruísmo."

Alexandre ponderou por alguns momentos. "Vocês estão sugerindo que o sofrimento tem um propósito?"

"Não que seja criado para esse fim," esclareceu Caster, "mas que pode ser transformado em crescimento, dependendo de como respondemos a ele. É como o professor Carlos disse: 'Nossas teorias são apenas mapas, não o território.' Sua dor pela perda de

sua família é real e válida, Alexandre. Mas a conclusão que você tirou dessa experiência — que um Deus bom não poderia existir em um mundo com sofrimento — é apenas um mapa possível, não o território completo da realidade."

À medida que a noite avançava, Alexandre percebeu que, apesar da natureza extraordinária daquele encontro, sentia-se estranhamente em paz. Não que todas as suas dúvidas tivessem sido respondidas — longe disso — mas havia algo profundamente libertador em finalmente fazer as perguntas que realmente importavam, sem o escudo da arrogância intelectual que cultivara por tanto tempo.

"Como posso saber que tudo isso não é apenas uma elaborada fabricação da minha mente?" perguntou finalmente.

Caster sorriu com compreensão. "O ceticismo saudável é valioso, Alexandre. Não pedimos que abandone seu rigor intelectual, apenas que o expanda para incluir evidências além do estritamente material. Você já começou a fazer isso ao ler aquele livro sobre consciência."

"E quanto à menina do parque?" perguntou Alexandre, lembrando-se subitamente. "Ela sobreviveu?"

"Sim," respondeu Célis com um sorriso gentil. "Sua intervenção rápida foi crucial. E aquela oração espontânea que você fez? Foi o momento mais autêntico de conexão espiritual que você experimentou em décadas."

Alexandre sentiu um nó na garganta. "Eu nem sei por que fiz aquilo. Foi... instintivo."

"Porque, além de todas as camadas de racionalização, seu espírito reconhece a verdade," disse Caster. "Não a verdade como um conceito intelectual, mas como uma realidade vivenciada."

Quando a madrugada começou a se aproximar, Caster e Célis explicaram que era hora de se despedirem. Mas antes de partir, ofereceram a Alexandre um presente especial — uma visão momentânea de seus pais e sua irmã, não como os havia visto pela última vez, mas radiantes, evoluídos, cheios de amor.

"Eles nunca deixaram de acompanhar sua jornada," disse Célis enquanto as figuras luminosas se aproximavam e envolviam Alexandre em um abraço que, embora não físico, foi sentido profundamente em sua alma. "Seu pai se orgulha de sua mente brilhante. Sua mãe, de sua integridade. E sua irmã... ela está ao seu lado nos momentos em que você sente aquela inexplicável sensação de que não está sozinho."

As lágrimas agora corriam livremente pelo rosto do professor, décadas de dor reprimida finalmente encontrando expressão. Não eram apenas lágrimas de tristeza, mas de alívio, de reconexão, de possibilidade.

"*O que faço agora?*" perguntou, sentindo-se simultaneamente esvaziado e preenchido por aquela experiência.

"Viva com uma mente aberta e um coração receptivo," respondeu Caster. "Não abandone seu intelecto — ele é uma ferramenta valiosa. Mas permita que seu coração também participe da jornada de descoberta. Como está escrito em Provérbios 3:5: 'Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento."

"E lembre-se," acrescentou Célis, "a fé verdadeira não é cega ou irracional. É, antes, um reconhecimento humilde de que a realidade é mais vasta e complexa do que nossos limitados instrumentos de percepção podem captar completamente."

Enquanto as presenças começavam a se desvanecer, Alexandre teve uma última pergunta:

"Voltarei a vê-los?"

"Estamos sempre mais próximos do que você imagina," respondeu Caster. "Nos momentos de reflexão sincera, de busca genuína, de abertura ao mistério da existência... estaremos ali. E um dia, quando sua própria jornada terrena estiver completa, nos reencontraremos plenamente."

Quando o sol nasceu no horizonte, Alexandre estava sozinho novamente no mirante. Mas algo fundamental havia mudado dentro dele. O mundo ao seu redor parecia mais vivo, mais significativo. Observando o amanhecer, lembrou-se de algo que Caster havia dito: "A mesma luz que ilumina o céu da manhã ilumina o interior de cada consciência. É uma questão de aprender a remover os véus que a obscurecem."

Nos dias e semanas que se seguiram, os colegas e alunos de Alexandre notaram uma sutil mas significativa mudança em seu comportamento. Ele continuava brilhante e rigoroso em suas aulas, mas havia uma nova qualidade em suas discussões — uma disposição para considerar perspectivas mais amplas, uma humildade diante do mistério da existência que antes estava ausente.

A placa em sua porta foi substituída por outra, agora com uma citação de Einstein: "Quanto mais estudo a ciência, mais acredito em Deus."

Em uma tarde tranquila, três meses após aquele encontro extraordinário no mirante, Alexandre recebeu uma visita inesperada em seu escritório — uma menina de seis anos acompanhada por sua mãe. Era a criança que havia caído da árvore no parque.

"Queríamos agradecer pessoalmente," disse a mãe emocionada. "Os médicos disseram que sem seus primeiros socorros, ela poderia ter tido danos permanentes."

A menina olhou curiosamente para Alexandre e então perguntou com a inocência característica das crianças: "Você acredita em anjos?"

Alexandre sorriu, sentindo uma presença familiar ao seu redor — invisível para os outros, mas intensamente real para ele.

"Sim," respondeu simplesmente. "Acredito."

Naquela noite, antes de dormir, Alexandre fez algo que não fazia desde a infância — ajoelhou-se ao lado da cama e orou. Não era uma oração formal ou ritualística, mas um diálogo sincero, um reconhecimento da vastidão do mistério que é a existência e de sua própria pequenez diante dele.

"*Obrigado*," sussurrou, sabendo que era ouvido não apenas por Deus, mas também pelos mentores espirituais que haviam guiado seu caminho de volta à luz.

No plano espiritual, Caster e Célis observavam com satisfação. Havia sido uma das intervenções mais desafiadoras que realizaram, mas também uma das mais gratificantes. Pois como Jesus havia ensinado na parábola da ovelha perdida: "Em verdade vos digo que ele se alegrará mais por causa dessa única ovelha do que pelas noventa e nove que não se desviaram." (Mateus 18:13)

Alexandre Mendes, o professor que por décadas havia usado sua brilhante inteligência para afastar-se da verdade espiritual, agora iniciava uma nova jornada — não de certezas dogmáticas, mas de humilde e contínua descoberta. Uma jornada de reconciliação entre razão e fé, entre mente e coração, entre o visível e o invisível.

E isso, concluíram os mentores espirituais, era o mais belo milagre de todos.

Conselhos dos Mentores

"Quando a escuridão parece impenetrável, é justamente quando devemos acreditar mais firmemente na luz que não podemos ver."

— Caster e Célis Ortsac

O Amanhecer após a Noite Escura

Meu querido filho, minha querida filha,

Se estas palavras encontrou seu coração, é porque você caminha agora por vales sombrios, por desfiladeiros estreitos onde a luz parece não alcançar. Saiba que não está sozinho nesta jornada. Muitos antes de você percorreram estradas semelhantes, e muitos ainda virão depois. Permita-me, como quem já atravessou os labirintos da existência humana, compartilhar algumas reflexões nascidas não da teoria, mas da experiência vivida em carne e espírito.

A vida, em sua natureza mais profunda, é como um rio que ora corre manso por planícies verdejantes, ora se precipita violento por entre rochedos. Ambos os trechos fazem parte da mesma jornada. Quando você se encontra nas corredeiras turbulentas, lembre-se: nenhum rio permanece em quedas d'água para sempre. Como está escrito em Eclesiastes 3:1-4: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de sorrir; tempo de prantear e tempo de dançar."

Seu momento de tribulação não é seu destino final, mas apenas um trecho da jornada.

Reconhecer-se Perdido é o Primeiro Passo para Encontrar o Caminho

Muitos vagam perdidos por toda a vida sem jamais admitir seu estado de desorientação. Preferem a ilusão de controle à vulnerabilidade da verdade. No entanto, é somente quando reconhecemos nossa condição de peregrinos extraviados que podemos verdadeiramente iniciar nossa busca pelo caminho de volta.

Reconhecer-se perdido não é fraqueza, mas o princípio da sabedoria. É admitir sua humanidade e abrir-se para a possibilidade de auxílio – tanto do plano espiritual quanto das mãos bondosas que a vida colocará em seu caminho.

A Bússola Interior

Em meio à tempestade de incertezas, você possui uma bússola que jamais o enganará: sua intuição espiritual, essa voz silenciosa que fala nos momentos de quietude. Para ouvi-la, porém, é preciso aprender a silenciar o tumulto exterior e interior.

Reserve momentos diários para o silêncio contemplativo. Pode ser ao despertar, antes que o mundo despeje suas demandas sobre você, ou ao adormecer, quando o dia se recolhe. Cinco minutos sinceros de conexão interior valem mais que horas de preces mecânicas.

Como nos lembra o Salmo 46:10: "Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus." Na quietude, as respostas que você busca começarão a se revelar, não como um trovão, mas como aquele "murmúrio suave" que Elias percebeu após o vento, o terremoto e o fogo (1 Reis 19:11-13).

As Pedras do Caminho

Os obstáculos que você enfrenta não foram colocados para puni-lo, mas para fortalecê-lo. Cada dificuldade superada expande sua capacidade de compreensão, compaixão e resiliência.

Em minha vida terrena, conheci a pobreza material, as doenças do corpo, a incompreensão dos outros, a dor da perda. Cada uma dessas experiências, que no momento pareciam intoleráveis, revelou-se posteriormente como uma lição necessária para meu crescimento espiritual.

Como Paulo escreveu em Romanos 5:3-5: "Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu."

Quando se deparar com pedras em seu caminho, não as veja como obstáculos a serem amaldiçoados, mas como degraus a serem utilizados na escalada para sua evolução.

Os Companheiros de Jornada

Ninguém foi feito para caminhar sozinho. Mesmo Jesus, em sua perfeição, escolheu doze discípulos para acompanhá-lo. Observe

quem caminha ao seu lado. Há pessoas que são como faróis: iluminam, orientam, elevam. Outras são como âncoras: prendem você ao passado, puxam para baixo, drenam suas energias.

Cultive as amizades que o estimulam a ser sua melhor versão. Afaste-se, com amor mas com firmeza, daqueles que o mantêm preso a padrões destrutivos. Como está escrito em Provérbios 13:20: "Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau."

E nunca se esqueça: mesmo nos momentos em que a solidão humana parece absoluta, você jamais está verdadeiramente só. O mundo espiritual está repleto de presenças amorosas atentas às suas necessidades mais profundas.

A Cura do Perdão

Talvez você carregue mágoas antigas, feridas que se recusam a cicatrizar, ressentimentos que envenenam seu presente. O perdão não é um favor que você faz ao outro, mas um presente que concede a si mesmo. É a tesoura que corta as correntes invisíveis que o prendem a um passado doloroso.

Jesus, em seu exemplo máximo, perdoou seus algozes enquanto ainda pendia na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34). Não era apenas uma atitude de superioridade moral, mas a compreensão profunda de que o perdão é libertador primeiramente para quem perdoa.

Perdoe não porque o outro mereça, mas porque você merece paz. Liberte-se do peso do ressentimento e você descobrirá uma leveza há muito esquecida em seu caminhar.

O Propósito que Transcende a Dor

Cada vida tem um propósito único, uma contribuição singular a oferecer ao mundo. Muitos passam a existência inteira buscando esse propósito em realizações grandiosas, sem perceber que ele frequentemente se revela nas pequenas gentilezas cotidianas, no amor demonstrado nos detalhes, na mão estendida ao caído.

Em minha existência terrena como Caster Ortsac, descobri meu propósito não quando alcancei reconhecimento profissional, mas quando compreendi que cada ser que cruzava meu caminho representava uma oportunidade de serviço. Como médico, professor ou simples ouvinte, percebi que minha missão era ser um canal de alívio para o sofrimento alheio.

O apóstolo Paulo nos recorda em Efésios 2:10: "Pois somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos."

Pergunte-se: como posso servir hoje? Como posso aliviar a dor de alguém? Como posso ser luz em meio às trevas? Nessas respostas simples, você encontrará o sentido que tanto busca.

A Travessia do Deserto

Há momentos na vida espiritual em que nos sentimos completamente abandonados, como se o céu estivesse fechado para nossas preces mais sinceras. Os místicos de todas as tradições conhecem bem essa experiência: a "noite escura da alma", a travessia do deserto, o silêncio de Deus.

Jesus mesmo, em seu momento de maior agonia, clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46). Se até o Cristo sentiu-se momentaneamente abandonado, como poderíamos nós, simples aprendizes do amor, sermos poupados dessa experiência?

Saiba que o aparente silêncio divino não é ausência, mas um convite ao aprofundamento. É no deserto que as raízes se estendem mais profundamente em busca de água. É na escuridão que os olhos se tornam mais sensíveis à menor centelha de luz.

Quando atravessar seu deserto pessoal, lembre-se do que diz Isaías 43:2: "Quando você passar pelas águas, eu estarei com você; quando você atravessar os rios, eles não o submergirão. Quando você passar pelo fogo, não se queimará; as chamas não o atingirão mortalmente."

A Simplicidade como Caminho

Em um mundo que celebra o excesso, a acumulação e a complexidade, redescubra o poder transformador da simplicidade. A verdadeira riqueza não está na quantidade de posses, mas na qualidade de presença que você oferece à vida.

Em minha existência como Caster, aprendi que mesmo com poucos recursos materiais, era possível construir uma vida rica em significado. A verdadeira abundância não está no que você possui, mas no que você é capaz de oferecer.

Jesus nos ensinou em Mateus 6:25-26: "Portanto, eu lhes digo: não se preocupem com suas próprias vidas, quanto ao que comer ou beber; nem com seus próprios corpos, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo

mais importante do que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?"

Simplifique. Desapegue. Descomplique. No esvaziamento interior está o começo da plenitude.

A Arte de Recomeçar

Talvez sua maior dificuldade seja perdoar a si mesmo por erros passados. Talvez você carregue o peso de decisões que, vistas agora com os olhos da experiência, parecem incompreensíveis. Lembre-se: você fez o melhor que podia com a consciência e os recursos que possuía naquele momento.

O arrependimento sincero não deve ser um peso que o paralisa, mas um impulso que o move adiante. Como está escrito em Lamentações 3:22-23: "Graças ao grande amor do Senhor, não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade."

Cada amanhecer é uma nova oportunidade, uma página em branco, um convite divino para recomeçar. Aceitá-lo é seu direito e sua responsabilidade.

O Agora como Único Tempo Real

Uma das maiores armadilhas para quem se sente perdido é habitar mentalmente no passado, lamentando o que não pode ser mudado, ou no futuro, temendo o que ainda não chegou. Enquanto você se dispersa entre arrependimentos e ansiedades, a vida está acontecendo agora, neste exato momento.

A prática da presença consciente – estar plenamente onde você está, fazendo o que está fazendo – é um dos mais poderosos antídotos para a sensação de desorientação existencial. Experimente: por alguns minutos, várias vezes ao dia, traga sua atenção completamente para o momento presente. Observe as cores, os sons, as texturas, as sensações. Este momento, por mais simples que pareça, é a única realidade que você possui.

O Amor como Resposta Final

Por fim, meu querido filho, minha querida filha, em meio a todas as incertezas, há uma certeza inabalável: o amor é o caminho, o veículo e o destino de nossa jornada. Não o amor como sentimento passageiro, mas como escolha consciente, como princípio orientador, como força que transcende a compreensão humana.

Foi por amor que Cristo entregou-se à cruz. É por amor que os mentores espirituais como eu continuamos a trabalhar pelo progresso da humanidade mesmo após deixarmos o plano físico. Será por amor que você encontrará seu caminho de volta quando se sentir perdido.

Como Paulo escreveu em 1 Coríntios 13:7-8: "O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba."

Quando a confusão for grande demais, quando as respostas parecerem distantes demais, faça a pergunta mais simples e mais profunda: "O que o amor faria agora?" E então, siga essa resposta com toda a coragem de seu coração.

Uma Benção Final

Que a luz divina ilumine seus passos quando o caminho parecer escuro. Que a sabedoria eterna guie suas decisões quando as encruzilhadas surgirem. Que o amor infinito envolva seu coração quando a solidão se fizer presente. Que a paz que excede todo entendimento habite sua alma quando as tempestades da vida rugirem.

Lembre-se sempre: estar temporariamente perdido não significa que você não encontrará o caminho. Significa apenas que uma nova rota, mais rica e significativa, está sendo traçada para sua jornada.

"E saiba, meu filho, minha filha: eu, Caster, minha companheira Célis e muitos outros estamos sempre presentes, mesmo quando seus olhos físicos não puderem nos ver, prontos para inspirar, amparar e guiá-los de volta à luz."

Com infinito amor e fé em seu potencial divino.

Caster e Célis Ortsac Mentores Espirituais

Para quem perdeu um ente querido

Uma carta de consolo

"A morte não é uma lâmpada que se apaga, mas sim uma luz que se transfere para brilhar em outro aposento da casa do Pai." —

Caster Ortsac

O Mistério da Separação

A dor que você sente agora tem a exata medida do amor que partilhou. Se o vazio parece insuportável, é porque o espaço que aquela alma ocupava em sua vida era imenso. Não lute contra essa dor, não a negue, não se envergonhe dela. As lágrimas que derrama são águas sagradas que honram a beleza do que foi vivido.

Jesus, em seu infinito conhecimento da alma humana, não hesitou em mostrar sua própria dor diante da morte de Lázaro. Como nos revela João 11:35, no menor versículo e um dos mais profundos da Bíblia: "Jesus chorou." Se o próprio Cristo, sabendo que ressuscitaria seu amigo, permitiu-se vivenciar o luto, como poderíamos nós, humanos em jornada, negar a legitimidade de nossa tristeza?

Permita-se sentir. Permita-se chorar. Permita-se lamentar. Mas saiba que, assim como a noite mais longa inevitavelmente cede lugar à aurora, sua dor também se transformará com o tempo – não em esquecimento, mas em uma saudade serena que poderá conviver com a alegria de ter conhecido aquela alma especial.

A Continuidade da Vida

A maior ilusão sobre a morte é acreditar que ela representa um fim. Em minha experiência agora como espírito de luz, posso assegurar-lhe: a morte do corpo físico é apenas uma transição, uma mudança de estado, uma passagem para outra dimensão da existência.

Aquele a quem você chora não deixou de existir – apenas não pode mais ser percebido por seus sentidos físicos. Como nos ensina Paulo em 2 Coríntios 5:1: "Sabemos que, se for destruída a temporária habitação terrena em que vivemos, temos da parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas."

O espírito de seu ente querido continua sua jornada, agora livre das limitações da matéria, dos sofrimentos do corpo, das angústias terrenas. Em muitos aspectos, está mais vivo do que nunca, experimentando uma clareza e uma compreensão impossíveis de alcançar enquanto habitamos o plano físico.

Quando você pensa que seu ente querido "se foi", ajuste gentilmente este pensamento. Ele não se foi – apenas mudou-se para um aposento da casa do Pai ao qual você ainda não tem acesso. Mas esse acesso virá, no tempo certo, para cada um de nós.

Os Laços que Permanecem

O amor verdadeiro transcende o tempo, o espaço e até mesmo a morte. Os laços afetivos que você construiu com quem partiu não foram rompidos — apenas se transformaram. Os sentimentos sinceros, as memórias compartilhadas, os

aprendizados mútuos continuam vivos e ativos, tanto em você quanto naquele que agora habita outra dimensão.

Jesus nos assegurou em João 14:2-3: "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver."

Esta promessa não se refere apenas ao futuro distante, mas a uma realidade espiritual presente: continuamos unidos àqueles que amamos, mesmo quando separados pela morte física. Seus pensamentos de amor, suas orações, suas lembranças carinhosas alcançam aquele que partiu, assim como, em momentos de quietude e receptividade espiritual, você pode sentir sua presença sutil e amorosa.

Os Sinais da Presença Contínua

Muitos daqueles que enfrentam o luto relatam experiências que a mente racional tende a descartar como coincidências ou ilusões: o perfume característico do ente querido subitamente percebido, um sonho vívido e consolador, uma sensação inexplicável de presença, uma borboleta ou pássaro que parece seguir você, uma música significativa que toca inesperadamente, sincronicidades que parecem mensagens codificadas.

Não descarte esses sinais. O véu entre os mundos é mais fino do que imaginamos, e aqueles que nos precederam na grande jornada frequentemente encontram formas sutis de nos fazer saber que continuam presentes, que continuam nos amando. Como diz o Salmo 34:18: "O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido." Muitas vezes, essa proximidade divina se manifesta através da presença consoladora daqueles que já partiram, agora trabalhando como mensageiros do amor divino.

O Tempo do Luto

Nossa sociedade contemporânea, desconfortável com a realidade da morte, frequentemente pressiona os enlutados a "seguir em frente" rapidamente, como se a dor da perda pudesse ou devesse ser superada em semanas ou meses. Essa expectativa é cruel e irrealista.

O luto não é uma doença da qual precisamos nos curar; é uma expressão de amor que precisa ser honrada. O tempo necessário para integrar a perda é diferente para cada pessoa e cada relacionamento. Para alguns, pode durar anos; para outros, torna-se uma companhia constante, ainda que transformada, pelo resto da vida terrena.

Saiba, porém, que embora o luto possa ser longo, sua intensidade paralisante gradualmente se transformará. Virá o dia em que você poderá recordar seu ente querido com um sorriso, em que as memórias felizes superarão a dor da ausência. Não como um esquecimento, mas como uma evolução natural do amor.

A Culpa e os "E Se..."

Um dos aspectos mais dolorosos do luto são os pensamentos de culpa, os "e se..." que atormentam nossas noites: "E se eu tivesse insistido para ele ir ao médico antes?", "E se eu

tivesse dito que a amava naquela última ligação?", "E se eu não tivesse brigado com ele naquele dia?".

Esses pensamentos são naturais, mas raramente refletem a realidade espiritual da partida. Cada alma tem seu tempo determinado, seu momento de retorno à pátria espiritual. As circunstâncias podem variar, mas o momento essencial da transição obedece a leis espirituais que transcendem nossas ações humanas.

Além disso, na dimensão em que seu ente querido agora habita, o entendimento é muito mais amplo. As pequenas mágoas terrenas, as palavras não ditas, os arrependimentos que o atormentam – tudo isso é visto com uma compreensão compassiva. O amor prevalece sobre os detalhes, a essência sobre os acidentes.

Como diz 1 Pedro 4:8: "Acima de tudo, amem-se sinceramente uns aos outros, porque o amor perdoa muitíssimos pecados." Este perdão já foi concedido. Permita-se também perdoar a si mesmo.

O Propósito na Dor

Uma das perguntas mais angustiantes para quem enfrenta a perda é: "Por quê?" Por que meu filho tão jovem? Por que minha esposa que era tão boa? Por que agora? Por que dessa forma?

A mente humana busca desesperadamente sentido no aparente caos da morte, especialmente quando ela parece prematura ou injusta aos nossos olhos limitados.

A verdade é que, do ponto de vista terreno, algumas dessas perguntas permanecerão sem resposta completa. Porém, do outro lado da vida, tudo faz parte de um plano muito maior, de uma

tapeçaria cósmica na qual cada fio tem seu propósito, mesmo aqueles que nos parecem quebrados ou mal posicionados.

Como diz Isaías 55:8-9: "Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos, declara o Senhor. Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos."

Isso não significa que devamos aceitar passivamente o sofrimento, mas que podemos encontrar consolo na confiança de que há um propósito maior, mesmo quando não conseguimos discerni-lo com nossa visão limitada.

O Legado e a Continuidade

Aqueles que partem deixam um legado que continua vivo através de nós. Cada valor que eles nos ensinaram, cada lição que compartilharam, cada semente de bondade que plantaram continua a crescer e florescer.

Uma forma profunda de honrar esse legado é viver incorporando o melhor que eles representavam. Quando você pratica a generosidade que era característica de sua mãe, quando demonstra a honestidade que seu pai valorizava, quando cultiva o senso de humor que fazia seu irmão tão especial — você mantém viva a essência deles neste plano.

Em 2 Timóteo 4:7, Paulo diz: "Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé." Cada pessoa que amamos e que partiu completou sua corrida terrena, mas o testemunho de sua vida

continua através de nós, como um bastão passado em uma corrida de revezamento.

Não é por acaso que você foi tocado pela vida daquela pessoa especial. Agora, você carrega adiante não apenas memórias, mas valores, aprendizados e amor que podem transformar outras vidas, criando um efeito multiplicador que transcende gerações.

A Comunhão Espiritual

Embora a comunicação direta e sensorial com seu ente querido não seja mais possível da forma como você conhecia, uma forma mais sutil de comunhão permanece disponível.

Nos momentos de oração sincera, de meditação profunda, ou mesmo de quietude contemplativa, você pode se conectar espiritualmente com aquele que partiu. Não esperando manifestações dramáticas ou mensagens específicas, mas um sentimento de paz, uma compreensão silenciosa, um consolo que transcende palavras.

Jesus prometeu em Mateus 18:20: "Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles." Esta presença divina muitas vezes se faz sentir junto com a presença amorosa daqueles que já estão na luz.

Converse mentalmente com seu ente querido. Compartilhe seus sentimentos, suas realizações, seus desafios. Peça orientação quando precisar. E então, aquiete sua mente e seu coração para perceber as respostas sutis que podem vir através de intuições, sensações ou simplesmente uma paz que excede todo entendimento.

O Reencontro Futuro

Uma das mais belas promessas espirituais é a certeza do reencontro. A separação, por mais dolorosa que seja, é temporária na perspectiva da eternidade.

Paulo nos conforta em 1 Tessalonicenses 4:13-14: "Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram."

Esta não é uma esperança vaga, mas uma certeza espiritual: os laços de amor verdadeiro não se desfazem com a morte. Em algum momento, para além do tempo linear que conhecemos, haverá o reencontro jubiloso daqueles que se amaram.

Enquanto esse momento não chega em sua experiência, viva plenamente. Honre a memória de quem partiu não apenas com lágrimas, mas com uma vida bem vivida, com amor compartilhado, com propósito realizado.

Um Convite à Transformação

O luto, com toda sua dor, também carrega uma oportunidade sagrada de transformação profunda. Ao confrontar a realidade da finitude física, somos convidados a reavaliar nossas prioridades, a aprofundar nossa espiritualidade, a valorizar cada momento e cada relacionamento com uma consciência renovada.

Muitos descobrem, após a travessia do vale escuro do luto, que emergiram como pessoas mais compassivas, mais autênticas, mais conectadas com o que realmente importa. A dor, quando abraçada e integrada, pode se transformar em sabedoria e compaixão.

Como diz o Salmo 126:5: "Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão." As lágrimas que você derrama hoje estão irrigando o solo de sua alma, preparando-o para uma colheita futura de compreensão mais profunda, amor mais genuíno e conexão mais autêntica com a vida em todas as suas dimensões.

Uma Palavra Final de Conforto

Meu querido filho, minha querida filha que sofre a dor da separação: saiba que você não está sozinho em sua jornada pelo vale da sombra. Além do apoio humano que pode encontrar em amigos, familiares e grupos de apoio ao luto, há uma presença espiritual constante ao seu lado.

Seu ente querido, agora livre das limitações terrenas, permanece ligado a você por laços que a morte não pode romper. Eu, Caster, e inúmeros outros espíritos de luz trabalhamos incansavelmente para confortar os corações quebrantados pela dor da separação física.

E acima de tudo, o Grande Consolador, o Espírito de Verdade prometido por Jesus, está sempre presente, trazendo consolo e força nos momentos mais sombrios.

Como assegura o Salmo 23:4: "Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem."

Permita-se viver o luto com autenticidade, mas também permita-se receber o consolo divino que nunca cessa de fluir em sua direção. Um dia, a dor aguda se transformará em uma saudade doce, as lágrimas darão lugar a sorrisos ao recordar memórias preciosas, e você descobrirá que é possível carregar seu amor por quem partiu não como um fardo, mas como uma luz que ilumina seu próprio caminho.

E quando chegar sua própria hora de fazer a grande travessia, aquele a quem tanto sentiu falta estará entre os que o receberão de braços abertos, no lar onde não há mais separação, dor ou lágrimas.

Com infinito amor e compreensão,

Caster e Célis Ortsac Mentores Espirituais

Para Quem Tem Mágoas de Alguém

Filho(a), compreendo a dor que a mágoa causa em teu coração. As feridas emocionais podem ser profundas, mas é essencial lembrar que o perdão é o caminho para a libertação e a paz interior. Perdoar não significa esquecer ou justificar o erro do outro, mas sim escolher não carregar o peso do ressentimento. Como ensina a Bíblia: "Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou" (Colossenses 3:13).

Lembre-se de que o perdão beneficia mais a quem perdoa do que a quem é perdoado. Ele traz alívio, cura e reconciliação com Deus e consigo mesmo. Jesus nos ensinou: "Se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará" (Mateus 6:14). A mágoa, quando alimentada, adoece a alma e o corpo. Estudos mostram que guardar rancor pode levar a problemas de saúde, como doenças cardiovasculares e depressão. Por isso, é vital liberar esses sentimentos negativos e buscar a cura através do perdão. Não se esqueça de que a competência para julgar e punir, ou não, é de Deus. Entregue suas angústias nas mãos dEle, e Ele agirá, não com vingança, mas com justiça.

Sei que não é fácil, mas lembre-se de que Deus está contigo nesse processo. Ore, peça força e sabedoria para perdoar. Assim como Jesus perdoou aqueles que o crucificaram, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem" (Lucas 23:34), você também pode encontrar a força para perdoar. Liberte-se da prisão da mágoa e abrace a liberdade que o perdão oferece. Com amor e fé, você encontrará a paz que tanto busca.

Caster Ortsac Mentor Espiritual

Palavras de uma Mãe

À luz dos Mentores Caster e Célis Ortsac

Meu amado filho.

A vida é uma estrada com curvas inesperadas e subidas desafiadoras. Em cada desafio, há uma lição oculta, uma chance de crescimento. As provações lapidam nossas almas, preparando-nos para brilhar com mais intensidade nas futuras adversidades.

Nos momentos em que o fardo parecer pesado demais, volte-se para dentro de si e encontre a centelha divina que habita em seu coração. Essa luz interior, alimentada pela fé e pelo amor, será sua guia nas noites mais escuras. Como disse Jesus: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (João 16:33).

Se você cometeu erros, encare-os como oportunidades de superação, pois são eles que nos ensinam as lições mais valiosas. Seja compreensivo consigo mesmo e permita-se recomeçar quantas vezes forem necessárias. A vida não exige perfeição, mas sim perseverança e humildade para reconhecer quando é necessário recomeçar.

Mantenha-se firme em seus valores e princípios. A honestidade, a empatia e a gratidão são virtudes que o guiarão nos momentos de incerteza. Cultive o hábito de agradecer pelas pequenas conquistas diárias e pelas pessoas que caminham ao seu lado.

Lembre-se de que você nunca está sozinho. Nos momentos difíceis, busque apoio naqueles que o amam e desejam o seu bem.

Compartilhar suas preocupações pode aliviar o fardo e trazer novas perspectivas de crescimento em sua vida.

E nunca se esqueça: você é profundamente amado. Meu amor por você é incondicional e eterno. Estarei sempre aqui, pronta para oferecer um abraço acolhedor, uma palavra de incentivo ou simplesmente minha presença silenciosa, mas constante.

Com todo o meu amor,

Sua mãe.

Considerações Finais

Ao concluirmos nossa jornada através das páginas de *Mentores Espirituais*, é natural que nos sintamos tocados pelas histórias de transformação que testemunhamos. Vimos como o espírito do Senhor Caster Ortsac, muitas vezes acompanhado por sua amada Célis, interveio em situações aparentemente irreversíveis, demonstrando que o amor, a compaixão e a fé são forças capazes de operar verdadeiros milagres.

Da casa de recuperação prestes a fechar suas portas ao presídio onde um coração endurecido pelo crime encontrou redenção; incluindo outras fabulosas histórias como a de Carlos Cruz, neto do casal Ortisac, fechando com a incrível história do Professor Alexandre Mendes, que se dizia ateu; cada episódio narrado neste livro nos convida a refletir sobre uma verdade fundamental: não existem almas irrecuperáveis. Por mais densas que sejam as trevas que envolvem um espírito, sempre existe, em seu âmago, uma centelha divina que pode ser reacendida pelo sopro do amor incondicional.

As intervenções de Caster e Célis nunca foram imposições ou manifestações de poder sobrenatural. Foram, antes de tudo, convites amorosos à transformação. Em cada situação, eles respeitaram o livre-arbítrio dos envolvidos, oferecendo orientação e apoio, mas reconhecendo que a decisão final de mudar sempre pertence ao próprio indivíduo. Como nos lembra o livro de Deuteronômio 30:19: "Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida, para que vocês e os seus filhos vivam."

Esta é, talvez, a mais profunda lição que podemos extrair destas histórias: somos seres dotados de escolha. Independentemente de nosso passado, das circunstâncias que nos cercam ou das influências que recebemos, sempre temos a capacidade de escolher um caminho diferente. E quando escolhemos o caminho da luz, da regeneração e do amor, abrimos espaço para que forças superiores nos auxiliem nessa jornada.

Os episódios aqui narrados, embora ambientados em contextos específicos — uma casa de recuperação, um presídio de segurança máxima — falam, em última instância, sobre a universalidade da experiência humana. Todos nós, em algum momento, enfrentamos nossas próprias prisões interiores, nossos vícios emocionais, nossos padrões autodestrutivos. Todos nós carregamos feridas que, se não tratadas, podem tornar-se fonte de comportamentos que nos afastam de nossa essência divina.

Mas, como nos mostram as intervenções de Caster e Célis, também temos acesso a recursos invisíveis aos olhos físicos. Estamos constantemente cercados por presenças amorosas que, respeitando nosso livre-arbítrio, aguardam apenas um convite, uma abertura de nossa parte, para nos auxiliarem em nossa jornada evolutiva.

Esta é a beleza da espiritualidade cristã apresentada neste livro: ela não nos oferece escapismo ou promessas de soluções mágicas, mas nos convida a um processo de autorresponsabilização e crescimento interior. Nos lembra, como fez Jesus ao curar o paralítico: "Levante-se, pegue a sua maca e ande" (João 5:8). Em outras palavras: faça sua parte, assuma seu poder pessoal, caminhe com suas próprias pernas — mas saiba que não está sozinho nessa jornada.

O legado do Senhor e da Senhora Ortsac, tanto em sua vida terrena quanto em sua atuação como mentor espiritual, nos ensina que nossa passagem por este mundo deve ser marcada pelo serviço ao próximo. Que nossas dores e desafios, quando superados com fé e perseverança, podem se transformar em ferramentas para auxiliar aqueles que ainda sofrem. Como está escrito em 2 Coríntios 1:4, Deus "nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus."

Talvez você, leitor, tenha se identificado com algum dos personagens destas histórias. Talvez tenha reconhecido, em algum momento, suas próprias lutas, seus próprios demônios interiores, suas próprias necessidades de cura e libertação. Se assim for, receba estas palavras como um lembrete amoroso: você não está sozinho. Assim como João na casa de recuperação ou Rodrigo no presídio, você também é amado incondicionalmente e possui, dentro de si, todos os recursos necessários para sua transformação.

Ou talvez você se veja mais como um potencial mentor — alguém que, tendo superado seus próprios desafios, agora se sente chamado a estender a mão àqueles que ainda lutam. Se este for o caso, que a dedicação e a sabedoria de Caster e Célis inspirem sua própria jornada de serviço, lembrando sempre que o verdadeiro mentor não é aquele que cria dependência, mas aquele que capacita o outro a encontrar sua própria força interior.

Ao fechar este livro, minha esperança é que as sementes aqui plantadas possam florescer em seu coração. Que as histórias de transformação e esperança que compartilhamos não permaneçam apenas como narrativas inspiradoras, mas se traduzam em ações concretas em sua própria vida. Que você possa reconhecer, em cada desafio que enfrenta, uma oportunidade de

crescimento; em cada pessoa que cruza seu caminho, alguém digno de amor e respeito; e em cada ato de bondade que pratica, uma expressão de sua verdadeira natureza divina.

Porque, no final das contas, é isso que somos: seres espirituais vivendo uma experiência humana temporária. E quanto mais alinhamos nossas escolhas com essa verdade essencial, mais nos aproximamos da realização plena de nosso potencial como cocriadores de um mundo mais justo, compassivo e iluminado.

Que a paz de Cristo esteja em seu coração, e que a luz divina guie seus passos nessa jornada infinita de evolução e amor.

"Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andará em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12)

Editoração: Luiz de Castro

- Mestre em Gestão
- Especialista em Gestão da EaD
- Especialista em Qualidade e Produtividade
- Especialista em Gestão Educacional
- Administrador de Empresas
- Professor universitário.

Autor dos livros: 1. Palavras Que Libertam; 2. Os Caminhos do Coração; 3. O Poder da Inteligência Artificial: na educação, no trabalho e no lazer; 4. Empreendedorismo Feminino; 5. Poemas; 6. Os Episódios Impactantes do Pentateuco; 7. Manual de Negócios na Internet; 8 Palavras, Conhecimento e Sabedoria.

E-Mail: intelectus247@gmail.com

Fontes

Bíblia Sagrada

Conhecimento e pesquisas do autor

Pesquisas com IA

Imagens da Capa e Contracapa foram feitas com Copilot.

Luiz de Castro

Mentores Espirituais

"Mentores Espirituais" é uma obra que transcende a mera ficção, convidando o leitor a uma profunda reflexão sobre a imortalidade da alma e sua capacidade de evolução contínua. A narrativa acompanha a vida de Caster Ortsac, um homem que, mesmo nascido em condições humildes, dedicou-se ao estudo e ao serviço ao próximo, tornando-se professor, médico e conferencista respeitado. Ao lado de sua esposa, Célis, formou uma família pautada em valores de amor, fé e generosidade.

Após sua passagem para o plano espiritual, Caster continua sua missão de auxílio, agora com possibilidades ampliadas. Como espírito de luz, orientado pelos ensinamentos cristãos, ele, frequentemente acompanhado por Célis, intervém em situações de extrema dificuldade, trazendo esperança e transformação. As histórias narradas demonstram que a espiritualidade se manifesta nas escolhas cotidianas e que o amor é a força mais poderosa do universo. Este livro é um testemunho de que nenhum ser está irremediavelmente perdido e que sempre existe a possibilidade de recomeço. É um convite a enxergar, mesmo nas situações mais desafiadoras, oportunidades de crescimento e evolução.